

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM
BACHARELADO EM SAÚDE COLETIVA**

BRUNO BAVARESCO DA SILVA

PROMOÇÃO DE UM AMANHÃ PARA PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: Um
relato da experiência com integração intersetorial na Escola Porto Alegre

Porto Alegre – RS

2023

BRUNO BAVARESCO DA SILVA

PROMOÇÃO DE UM AMANHÃ PARA PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: Um
relato da experiência de integração intersetorial na Escola Porto Alegre

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Saúde Coletiva da
Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Gabriela Curubeto Godoy

Porto Alegre – RS

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Bavaresco da Silva, Bruno

PROMOÇÃO DE UM AMANHÃ PARA PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: Um relato da experiência com integração intersetorial na Escola Porto Alegre / Bruno Bavaresco da Silva. -- 2023.

54 f.

Orientadora: Maria Gabriela Curubeto Godoy.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem, Curso de Saúde Coletiva, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. População em Situação de Rua. 2. Intersetorialidade. 3. Vulnerabilidade Social. 4. Promoção em Saúde. I. Curubeto Godoy, Maria Gabriela, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

BRUNO BAVARESCO DA SILVA

PROMOÇÃO DE UM AMANHÃ PARA PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: Um relato da experiência de integração intersetorial na Escola Porto Alegre

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Sanitarista e aprovado em sua forma final pelo Curso de Saúde Coletiva, obtendo conceito A.

Porto Alegre, 28 de Agosto de 2023.

**Prof. Roberto Henrique Amorim de Medeiros, Dr.
Coordenador do Curso**

Banca Examinadora:

**Prof.^a Maria Gabriela Curubeto Godoy, Dra.
Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

**Prof. Roberto Henrique Amorim de Medeiros, Dr.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

RESUMO

Este Relato de Experiência conta as atividades realizadas durante estágio no Serviço de Acolhimento, Integração e Acompanhamento (SAIA) da Escola Porto Alegre (EPA) e em oficinas junto aos estudantes da escola, entre 31 de agosto e 31 de outubro de 2022. A EPA é uma escola da modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA), e seus alunos são em grande parte pessoas em situação de rua. O SAIA realiza ações de acompanhamento, acolhimento, investigação e assistência dos estudantes da escola. A metodologia utilizada, do Relato de Experiência, apresenta as atividades realizadas na EPA, para então pensar a atuação da instituição junto à População em Situação de Rua, de modo a contribuir com a discussão de estratégias para a integração entre os setores de Educação e Saúde em escolas e outros serviços. Foi constatado que o pensamento das políticas públicas voltadas à população em situação de rua deve considerar, conjuntamente, as necessidades da população alvo para a sobrevivência cotidiana e o bem-estar futuro, porque são demandas inerentes à vulnerabilidade experienciada nas ruas, logo devem ser trabalhados para permitir a adesão destas pessoas aos serviços. Para tal propósito, propôs-se os conceitos de acolhimento humano e institucional, integração intersetorial e interdisciplinar, e acompanhamento longitudinal como norteadores da organização de políticas públicas e serviços para esta população. Em conclusão, foi reconhecido que a Escola Porto Alegre é um exemplo potente para o embasamento de atividades de integração intersetorial, tendo na escola um ambiente propício para a realização de atividades de promoção da saúde que visam o bem-estar da população em situação de rua.

Palavras-Chave: Promoção em Saúde; Vulnerabilidade Social; População em Situação de Rua; Intersetorialidade.

ABSTRACT

This Experience Report describes the activities carried out during an internship at the "Serviço de Acolhimento, Integração e Acompanhamento" (Welcome, Integration, and Monitoring Service - SAIA) of the Porto Alegre School (EPA) and in workshops with the school's students, between August 31 and October 31, 2022. EPA is a school that offers Education for Youth and Adults (EJA), and most of its students are individuals in a situation of homelessness. SAIA conducts actions related to monitoring, support, investigation, and assistance for the school's students. The methodology employed in this Experience Report presents the activities undertaken at EPA, and subsequently reflects on the institution's role with the Homeless Population, aiming to contribute to the discussion of strategies for integration between the Education and Health sectors in schools and other services. It was found that the formulation of public policies addressing the homeless population should consider both the survival needs of the target population and their future well-being, as these demands are inherent to the vulnerability experienced on the streets. Therefore, they must be addressed to facilitate these individuals' engagement with services. To achieve this purpose, the concepts of human and institutional reception, cross-sectoral and interdisciplinary integration, and longitudinal monitoring were proposed as guiding principles for organizing public policies and services for this population. In conclusion, it was acknowledged that the Porto Alegre School serves as a strong example for the foundation of cross-sectoral integration activities, utilizing the school environment to conduct health promotion activities that aim to improve the well-being of the homeless population.

Keywords: Health Promotion; Social Vulnerability; Homeless Persons; Intersectoral Collaboration.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	9
2.	OBJETIVOS GERAIS	13
2.1.	Objetivos Específicos	13
3.	METODOLOGIA	14
4.	CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE TRABALHO	16
5.	CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ALVO	19
6.	ATIVIDADES REALIZADAS	21
6.1	Atividades Gerais	22
6.1.1	Mediação de Conflitos.....	24
6.1.2	Facilitação de Acesso a Serviços Assistenciais.....	25
6.1.3	Entrevistas de Matrícula.....	26
6.1.4	Acompanhamento da vida dos Estudantes.....	27
6.2	Atividades de Educação em Saúde	28
6.2.1	Oficina sobre Relações Saudáveis.....	28
6.2.2	Aulas sobre Questões de Saúde.....	31
6.3	Atividades de Promoção da Saúde	32
6.3.1	Acompanhamento de um Aluno Específico.....	33
6.3.2	Auxílio aos Alunos na Busca de Saúde.....	35
6.4	Outras atividades	35
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
8.	CONCLUSÃO	45
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
	APÊNDICE I	50
	APÊNDICE II	51
	APÊNDICE III	52

APÊNDICE IV..... 53
ANEXO I..... 54

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é um Relato de Experiência das atividades realizadas na Escola Porto Alegre (EPA), durante o estágio acadêmico junto ao Serviço de Acolhimento, Integração e Acompanhamento (SAIA) da escola, no período de 31 de agosto à 31 de outubro de 2022. Foi realizado dentro do Eixo de Estágios em Promoção, Educação e Vigilância da Saúde, em âmbitos interdisciplinar e intersetorial, com foco na promoção e educação da saúde voltada para pessoas em situação de rua, os quais compõem a maior parte dos estudantes da EPA.

Ao final do século XX ocorreram diversas discussões em plano nacional e internacional sobre as práticas e ideais de saúde contemporâneos. Entre estas, a Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde realizada em 1978 na cidade de Alma-Ata, na qual foram extremamente significativas as discussões sobre intersetorialidade, promoção da saúde e integralidade do cuidado, reconhecendo a saúde como “um direito humano fundamental, [...] cuja realização requer a ação de muitos outros setores sociais e econômicos, além do setor da saúde” (OMS, 1978). Construindo sobre os avanços de Alma Ata, em 1986 ocorreu a Primeira Conferência Internacional em Promoção da Saúde, pela qual foi escrita a Carta de Ottawa. A carta reforça a importância da intersetorialidade para a promoção da saúde, reconhecendo a educação como um dos pré-requisitos para a saúde e afirmando que “para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. A saúde deve ser vista como um recurso para a vida, e não como objetivo de viver” (OMS, 1986).

A partir dessas rupturas com uma percepção médico-centrada de saúde – baseada na percepção de saúde e doença como estados opostos, a qual incentiva o cuidado em saúde com foco curativo –, começamos a compreender que a saúde é produzida no cotidiano, nas comunidades, e que para promover saúde é necessária a compreensão de cada cidadão, além dos profissionais, sobre os determinantes de seu bem-estar. O desenvolvimento desta compreensão acontece em âmbito interdisciplinar, com grande participação da educação, a qual Dantas, Rezende e Pedrosa (2009) descrevem como um “processo dialógico, problematizador, reflexivo e emancipatório” (p. 10).

Rangel (2009) afirma que quando a saúde é “entendida e reivindicada como direito fundamental da vida cidadã e parte essencial da dignidade humana” (p. 61), a mesma também é um tema educativo, pois a educação trata da formação humana e social. Paulo Freire (2002)

corroborar esta percepção ao discutir o papel da educação no desenvolvimento da autonomia dos sujeitos, sendo necessário que os professores incentivem os estudantes a pensar a realidade criticamente e relacionar os conteúdos estudados com a experiência de vida, de modo que a educação não seja somente transferência de informação, mas sim um processo civilizatório aliado à produção de conhecimento, assim habilitando os sujeitos a influenciarem a realidade vivida.

A promoção em saúde se fundamenta na realidade social, política e cultural do território, tendo como objetivo a melhoria das condições de vida da população, através de ações intersetoriais para desenvolver políticas públicas saudáveis, concomitantemente ao empoderamento das comunidades e dos indivíduos para serem participantes ativos na determinação de sua saúde (Buss, 2000).

Dentro desse objetivo, a interlocução entre saúde e educação deve ser valorizada pela sua potência, na medida em que estes setores estão próximos ao longo da vida, desde a escola onde as pessoas se conscientizam e desenvolvem sua autonomia cidadã até a formação e atuação dos profissionais de saúde. Rangel (2009) divide a conexão entre educação e saúde em três dimensões: uma humana, uma política e outra didática. A dimensão humana trata do caráter humanizante da educação, que dá motivo aos conhecimentos e se reflete nas práticas dos profissionais de saúde. A dimensão política refere-se à compreensão do acesso ao conhecimento em saúde como um direito fundamental. E a dimensão didática envolve o desenvolvimento da capacidade de ensinar ao cidadão e aprender com ele. Compreender estas três dimensões da conexão entre educação e saúde implica na qualificação das ações de assistência em saúde, pois capacita o cidadão a ser co-autor de seu bem estar e ajuda a qualificar os serviços.

Sobre a qualificação das políticas públicas, também deve-se considerar que

[...] no cotidiano, as necessidades se apresentam em dimensões que compreendem desde as relacionadas às condições dignas de sobrevivência, passando pela segurança, paz, tranquilidade e até mesmo a necessidade de afetos, à medida que os cidadãos conseguem cada vez mais vocalizar suas necessidades, as respostas institucionais tendem a se apresentar de maneira articulada e integrada, na tentativa de se aproximar dessas necessidades, tornando-se legítimas (Dantas; Rezende; Pedrosa, 2009, p. 12).

Então, como exemplificado pela experiência da Equipe de Consultório na Rua em Manguinhos na cidade do Rio de Janeiro (Engstrom e Teixeira, 2016), ao trabalhar com populações específicas em situação de vulnerabilidade, deve-se buscar conhecer a realidade local e os determinantes de saúde, valorizando a subjetividade, interesses e afetos dos sujeitos,

de modo a fazer os cidadãos se sentirem ouvidos e acolhidos, criando vínculos entre os indivíduos e os serviços que possibilitam a longitudinalidade do cuidado. Sobre o cuidado às pessoas em situação de rua, Engstrom e Teixeira também destacaram a importância da integração intersetorial e do desenvolvimento de “processos de trabalho que, de certa forma, sejam criativos, inovadores, radicais e singularizados às necessidades de sua clientela,” (p. 1846) adaptados de caso-a-caso e pactuados com os indivíduos, visto que “a valorização do ‘sujeito’ e de sua singularidade altera radicalmente o campo do conhecimento e das práticas da saúde coletiva e da clínica, ao buscar a construção compartilhada do cuidado entre usuários e profissionais” (Campos, 2000; apud Engstrom e Teixeira, 2016, p. 1846).

Tendo em vista a natureza multifatorial da saúde, ao se inserir num serviço o profissional sanitário busca compreender as singularidades da população alvo, além de adequar sua prática ao local onde se insere de modo a fomentar a intersetorialidade. Tratando-se da população em situação de rua, o conceito de “âncoras” utilizado por Emilia e Jorge Broide (2019a, 2019b) auxilia o profissional a compreender a realidade de sua atuação. Entendidas como “os fios, muitas vezes invisíveis, que amarram o sujeito à vida” (2019a, p. 212), as âncoras orientam o profissional sobre como trabalhar com a PSR, pois “diferentemente do atendimento na classe média, o sujeito encontrado no abismo social não tem rede simbólica, social, familiar, e dinheiro” (2019b, p. 9). Usando o conceito de âncoras, o profissional é levado a entender que, para promover a saúde da PSR, ele deve conhecer os laços benéficos do cidadão, estimulá-los e estabelecer novos laços entre o usuário e as políticas públicas.

A Escola Porto Alegre, como a educação em geral, serve de âncora para seus estudantes, caracterizando-se como um espaço de foco, organização e apoio diante a vida. A inserção do sanitário neste ambiente é um avanço dentro do objetivo de garantir o direito à educação e à saúde, possibilitando maior integração entre os setores e aproximação com esta população, sujeita a invisibilidade social, como observei durante o estágio na escola, a ser apresentado neste Relato de Experiência.

O Relato de Experiência é um método de pesquisa que busca descrever experiências singulares em profundidade, para então possibilitar o pensamento crítico-acadêmico sobre elas, de modo a aperfeiçoar a prática com o conhecimento, ao mesmo passo no qual se extrai conhecimento da prática, como explicam Mussi, Flores e Almeida (2021), que também reiteram a importância das atividades curriculares durante o ensino superior, como os estágios, para a formação dos profissionais e avaliação das técnicas contemporâneas.

A partir deste método, propõe-se aproveitar o estágio realizado na EPA para pensar a questão “Como a integração entre saúde e educação pode tomar forma em uma escola?”, considerando tal instituição como um espaço rico de vivências e práticas desenvolvidas em território para atender às demandas de seus estudantes, conseqüentemente sendo um trabalho vivo em ato, que utiliza de técnicas e conhecimentos para alcançar seus objetivos, configurando-se como um “ato produtivo de coisas e de pessoas” (Merhy e Franco, 2009).

Para cumprir seu fim, a pesquisa está estruturada em três momentos: um momento de contextualização do cenário de prática, um de descrição das experiências do estágio, e por último, um momento para as considerações advindas da experiência. O primeiro momento é composto pela descrição da instituição onde transcorreram os eventos, e pela definição das características comuns da população alvo. O segundo momento é onde as vivências do estágio junto ao SAIA estão relatadas, além das observações e inferências feitas no decorrer do estágio. O último momento conta com as considerações, sugestões e conclusões oriundas do estágio, descrevendo potencialidades e cruzando o relatado com a literatura.

Através das reflexões oriundas deste Relatório de Experiência espero contribuir para a construção de políticas e práticas integradas entre os setores Saúde e Educação, em especial aquelas voltadas para populações em situação de vulnerabilidade social, de modo a promover o acesso à saúde e à educação, e, conseqüentemente, à cidadania.

2. OBJETIVOS GERAIS

- Analisar as atividades desenvolvidas na Escola Porto Alegre durante o estágio como estudante de Saúde Coletiva, identificando práticas e potencialidades de integração intersetorial entre os setores de Educação e Saúde, ações reproduzíveis em outros serviços que atendem a População em Situação de Rua e a importância da formação sanitária na interface saúde e educação.

2.1. Objetivos Específicos

- 1) Identificar necessidades da população em situação de rua no âmbito educacional.
- 2) Identificar ações intersetoriais realizadas na escola.
- 3) Analisar as potencialidades da integração intersetorial para os estudantes em situação de rua e para a formação do profissional sanitário.

3. METODOLOGIA

A metodologia escolhida para este estudo é qualitativa descritiva do tipo Relato de Experiência, pois valoriza a experiência vivida através da discussão crítico-científica, beneficiando os meios acadêmico e social com possibilidades de construir e reproduzir experiências bem sucedidas a partir do que já foi feito na prática (Mussi; Flores; Almeida, 2021). A metodologia proposta é semelhante àquelas usadas por Silva et al (2017) e Silva, Silva e Gonçalves (2013), pois de forma similar descreve um caso de ação intersetorial de profissionais da saúde dentro da educação, e também é semelhante às metodologia de Silva, Pelazza e Souza (2018) e de Clarisse da Silva (2021) por descrever experiências de trabalho com pessoas em situação de vulnerabilidade social.

A experiência em questão foi o estágio obrigatório realizado na Escola Porto Alegre (EPA) junto ao Serviço de Acolhimento, Integração e Acompanhamento (SAIA), entre o período de 31 de agosto de 2022 e 31 de outubro de 2022, com carga horária de 6 horas diárias, totalizando 252 horas de estágio, dentro do Eixo de Promoção, Educação e Vigilância que é critério obrigatório para conclusão do curso de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Como o estágio se passou em um setor já estabelecido da EPA ao qual me integrei de forma imersiva, realizando as atividades gerais do setor para aprender sobre as estratégias de intervenção ali construídas, o relato também terá um caráter documental, pois, sem perder sua qualidade contemporânea, também descreve práticas desenvolvidas pela equipe do SAIA e da escola ao longo de sua história para poder atender à população alvo da escola.

A EPA é uma escola da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) especializada no atendimento a pessoas em situação de vulnerabilidade social, cuja população estudantil é composta majoritariamente por pessoas em situação de rua. “O SAIA tem como compromissos: acolher, acompanhar e investigar a realidade individual e social dos adolescentes e jovens estudantes da escola visando qualificar o atendimento através da construção de ações pedagógicas, que envolvam as dimensões sócio-cognitivas e sócio-afetivas” (SMED/PMPA, 2010, on-line).

A população em situação de rua vive em invisibilidade social, com dificuldade de acesso às políticas públicas e extrema vulnerabilidade a violências e outros agravos de saúde. Para essas pessoas, a EPA se configura como uma referência confiável e segura, oferecendo meios para planejar e ter perspectiva de alterar suas vidas.

Durante o estágio realizei atividades gerais do SAIA, participei das reuniões da escola, e auxiliei os alunos da instituição, enquanto também planejei e executei atividades de promoção e educação em saúde, como aulas sobre condições de saúde e oficinas sobre saúde emocional, com o propósito de trabalhar o entendimento dos estudantes sobre os condicionantes e questões importantes para a saúde individual e coletiva.

O relato de experiência irá elaborar reflexões sobre estes cenários e práticas, descrevendo a instituição e a população, para depois detalhar o que foi observado e realizado, dividindo as atividades entre atividades gerais do SAIA, atividades de promoção e educação de saúde que coordenei, e demais atividades realizadas durante o estágio, de modo a facilitar a leitura e discussão da experiência.

4. CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE REALIZAÇÃO DO TRABALHO

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre, também conhecida como Escola Porto Alegre, é uma escola de Educação de Jovens e Adultos fundada em 1995 para promover o acesso à educação para pessoas em situação de vulnerabilidade social. A “EPA foi criada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre com o objetivo de cumprir o estabelecido no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, referente a proporcionar o direito à educação às crianças e adolescentes que vivem nas ruas do Centro de Porto Alegre, socialmente excluídos da escolarização formal” (SMED/PMPA, 2010, on-line).

O espaço físico da escola é composto por três prédios, duas quadras de esportes, um galpão, uma portaria, um pátio central e uma área de lavagem de roupas. No prédio principal ficam as 4 salas de aulas – três para as turmas regulares e uma para o laboratório de aprendizagem –, a sala de cerâmica, a sala do Serviço de Integração e Recursos (SIR), a biblioteca, a sala de funcionários, a direção, a secretaria, o refeitório, a cozinha e os banheiros. No prédio anexo fica a sala do Serviço de Acolhimento, Integração e Acompanhamento (SAIA), o depósito de materiais de limpeza e um banheiro masculino. Uma das quadras de esportes fica atrás do prédio principal e é coberta por proteção contra a chuva, sendo usada para as aulas de educação física, enquanto a outra quadra fica ao lado da área de lavagem de roupas e não é utilizada, sendo aproveitada para secagem das roupas. O galpão fica atrás do prédio principal e é utilizado principalmente para atividades com um número maior de alunos do que as salas de aula comportam. Muitas atividades também são realizadas no pátio central, devido à proteção contra a chuva.

A rotina da escola começa aproximadamente às 8h da manhã, quando os estudantes chegam à escola e são recebidos com café da manhã no refeitório. Após comerem, as aulas acontecem até aproximadamente às 10h30 da manhã, quando há um breve intervalo, seguido pelo restante das atividades. Entre as 12h e 13h é o horário de almoço, um momento antecipado pelos estudantes, pois no refeitório é servida uma refeição planejada pela nutricionista da escola, podendo ser repetida a refeição se quiserem. Durante estes períodos de almoço e intervalo os alunos também têm tempo para lavar suas roupas no tanque da escola. Após o almoço começa o horário de aulas da tarde, seguido por um intervalo aproximadamente às 15h30, para então terminar o dia escolar às 17h. Vale notar que, para poderem almoçar na escola, os alunos da manhã precisam chegar no horário de entrada da escola, enquanto os alunos da tarde precisam ficar durante todo seu horário de aula. São feitas algumas exceções pontuais mediante justificativa, mas a EPA busca evitar que os alunos se

apresentem à escola somente para comer, oferecendo o alimento como incentivo à presença dos alunos nas aulas.

As três salas de aula comportam as 6 turmas da escola, sendo que a escola tem uma turma para cada Totalidade prevista no EJA. O sistema de Totalidades do EJA é equivalente ao ensino fundamental regular, contendo os 9 anos do ensino fundamental em 6 Totalidades, que são divididas entre Totalidades Iniciais e Totalidades Finais. Como explicado no site da Prefeitura de Caxias do Sul, “as Totalidades Iniciais compreendem o período de alfabetização (T1, T2, T3). Entende-se a alfabetização como um processo contínuo, que se preocupa com a aquisição do código escrito, levando em consideração que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra.” e “as Totalidades Finais compreendem o período da pós-alfabetização (T4, T5, T6), em que há um aprofundamento dos conceitos desenvolvidos nas Totalidades Iniciais, a partir dos componentes curriculares” (Prefeitura de Caxias do Sul, 2022, on-line). Na EPA, as Totalidades Iniciais têm aulas nas manhãs, enquanto as Totalidades Finais têm aulas às tardes.

Além de um espaço de ensino, a EPA é um espaço de acolhimento e pertencimento dos estudantes – que muitas vezes têm vínculos frágeis com os serviços e outros espaços –, algo promovido pelo Núcleo de Trabalho Educativo (NTE) com a oferta das aulas em turno inverso, planejadas pelos professores. O NTE, “Implantado em 1999, tem como perspectiva constituir-se em espaço de cidadania, onde a experiência de trabalho seja vivenciada de forma autoral, crítica e solidária” (SMED/PMPA, 2010, on-line). Os assuntos das aulas do NTE são diversos. Os alunos têm acesso a aulas de cerâmica, aulas sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis, aulas de informática, poesia, escrita criativa, cinema, entre outras. Existe um acordo para a participação dos alunos nessas aulas: primeiro eles devem ir às aulas do seu turno normal regularmente. No começo das tardes também ocorre o Laboratório de Aprendizagem, um espaço destinado aos alunos das Totalidades Iniciais que podem se beneficiar de um momento adicional de aprendizado e demonstram interesse em estar na escola.

O acolhimento ao aluno começa já na entrada desta na escola, quando devem ir ao Serviço de Acolhimento, Integração e Acompanhamento, onde são realizadas as entrevistas de matrícula com os estudantes para conhecerem a escola e para que a escola conheça a história e necessidades de cada estudante. O serviço serve de referência para os estudantes, ajudando-os a se organizarem, a manter registro de seus documentos, a procurar assistência à saúde, instruindo em processos burocráticos e em múltiplos outros cenários. Por ser um serviço tão próximo dos estudantes, tem papel chave no bom funcionamento da escola, nas conversas

com os estudantes e na supervisão dos acontecimentos dentro da escola, tendo autoridade para intervir em casos onde as ações realizadas são reprováveis. O espaço físico do SAIA é composto por uma sala principal, uma pequena sala de armazenamento, e uma sala pequena para entrevistas. Durante o estágio, a equipe do SAIA estava composta por 4 profissionais da educação – sendo a supervisora do estágio uma delas –, uma das quais estava ausente por licença no primeiro mês de estágio. A equipe faz uso de duas das paredes da sala principal para se organizar. Em uma parede escrevem um calendário mensal com giz, no qual anotam eventos a serem lembrados, por exemplo, quando um aluno tem uma consulta médica e pede ajuda para não faltar. Na parede oposta há um mural de contatos e documentos da organização cotidiana da escola, contendo o contato de serviços de emergência e referência relevantes aos estudantes. Este mural é amplamente útil na prática do SAIA, principalmente como serviço de integração dos estudantes à educação, à assistência social e aos serviços de saúde, pois permite que a equipe tenha acesso ágil aos serviços necessários para auxiliar os alunos adequadamente e promover seu bem-estar.

Com esta estrutura, a Escola Porto Alegre se configura como um centro de referência para os alunos. A escola funciona de modo intersetorial com outros setores, servindo de nexo entre os alunos, o setor da educação, o setor da assistência social e o setor saúde. Muitas vezes é uma porta de entrada a estes setores para seus alunos, oferecendo materiais escolares e recursos àqueles que enfrentam frequentes transgressões aos direitos prometidos pela sua cidadania, como será explicado no tópico seguinte.

5. CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ALVO

Os estudantes da EPA são predominantemente pessoas em situação de rua (PSR), mas a escola também conta com alguns estudantes provindos de residenciais terapêuticos, adolescentes abrigados e pessoas morando com familiares. Em geral, são pessoas em situação de vulnerabilidade social que têm vínculos frágeis ou inexistentes com os serviços públicos e com suas famílias.

De acordo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, a População em Situação de Rua (PSR) cresceu na ordem de 211% entre 2012 e 2022, totalizando aproximadamente 281.472 pessoas em situação de rua identificadas pelo Censo SUAS e pelo Cadastro Único em 2022. Destas, 102.580 (36,44%) se encontravam nas metrópoles. Enquanto isso, a estimativa é que a região Sul do Brasil comportasse 13,91% (39.178) da PSR do país (Natalino, 2022). Essas pessoas compõem um grupo populacional afligido pela vulnerabilidade e invisibilidade social.

A Política Nacional para a População de Rua, instituída pelo decreto Nº 7.053 de 23 de Dezembro de 2009, define que

“considera[-se] população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória” (Brasil, 2009, Art. 1º).

Na Escola Porto Alegre pode ser compreendida a complexidade dessa situação. Lá existem estudantes com vínculos familiares na cidade, mas devido às circunstâncias de convivência optam por fazer da rua seus lugares. Na rua estão pessoas que perderam seus lares, que foram expulsas pelas suas famílias, estão pessoas que se mudaram para a rua em busca de liberdade, pessoas que fazem uso de substâncias ilícitas e que não fazem, pessoas com vínculos e pessoas sem, pessoas que escolheram a rua e outras sem outra opção. Essa heterogeneidade também significa que as relações entre causa e consequência não são claras entre os motivos para estar na rua e seus efeitos, impedindo a generalização das causas e ou das consequências da situação de rua.

Entretanto, podemos definir que a vulnerabilidade à qual estas pessoas estão submetidas se manifesta em diferentes formas. A PSR sofre de risco maior do que a população geral de contrair tuberculose, sendo também afetada por HIV, e sífilis. Isto se soma a maiores chances de desenvolver complicações psiquiátricas ou mentais devido às condições

precárias de existência, como a exposição cotidiana à violência, a drogadição, a fome, a falta de meios para cuidar da higiene pessoal, e a falta de moradia ou abrigo (Brasil, 2014). Esses males são ainda mais graves devido à dificuldade de acesso a serviços de saúde e de assistência social enfrentada por essas pessoas. Muitos moradores de rua têm receio de procurar serviços assistenciais por causa do preconceito praticado pelos profissionais e pela população em geral, preconceito que gera constrangimento e pode levar à recusa de atendimento.

De acordo com reportagem do jornal Brasil de Fato, em 2021 a Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) relatou haver aproximadamente 2500 pessoas em situação de rua em Porto Alegre e vagas de moradia temporária suficientes para esta população, mas que os moradores de rua recusavam as ofertas. Evidenciando a invisibilidade à qual a PSR está submetida, o grupo de pesquisa “Passa e Repassa” questionou estes dados, pois em 2016, ano do último censo publicado sobre a PSR de Porto Alegre, havia 2.115 pessoas. Desde então, não houve mais contabilização dessa população em Porto Alegre, que aumentou em todo o Brasil com a pandemia (FASC/UFRGS, 2016).

Esse mesmo grupo, além de questionar os números oficiais assumidos pelo poder público de Porto Alegre sobre a PSR, também afirma a insuficiência de abrigos, albergues e moradias transitórias, além de alimentação. Calcularam aproximadamente 1500 vagas de assistência para esta população, enquanto a alegada redução de moradores de rua em relação ao ano anterior era devido a uma limpeza arbitrária nos registros, não sendo condizente com a realidade (BRASIL DE FATO, 2022).

Junto a estas pessoas, na EPA estudam jovens residentes em abrigo com risco de acabar na rua ao completarem 18 anos, e pessoas residentes em residenciais terapêuticos cuja interação com o mundo é frequentemente limitada ao espaço onde vivem.

Para todas essas pessoas o acesso à educação é uma necessidade para vivenciarem a sua cidadania. A EPA se configura como um ponto focal em suas vidas, um abrigo e uma referência onde podem cuidar de si. Para eles a EPA é mais do que uma escola, é um lugar de pertencimento onde finalmente são vistos, onde aprendem a cuidar de si, onde podem encontrar auxílio para acessar os serviços de saúde e os direitos que lhe são negados.

6. ATIVIDADES REALIZADAS

Durante as atividades do estágio eu me integrei às atividades do Serviço de Acolhimento, Integração e Acompanhamento da Escola Porto Alegre, realizei atividades de promoção e educação em saúde, participei de atividades da instituição, e presenciei atividades propostas por grupos externos à escola.

A primeira semana de atividades foi destinada à observação do espaço e das dinâmicas ali encontradas, além da familiarização com as atividades do SAIA que seriam realizadas durante o estágio. Observei que os estudantes eram muito heterogêneos, em postura diante a escola e em personalidades, mas em geral aparentavam estar à vontade no espaço, podendo caminhar no pátio, lavar suas roupas, tomar banho e conversar entre si e com os funcionários sem necessidade de constrangimentos. Os professores e funcionários demonstravam genuíno carinho pelos estudantes, mesmo em situações agravantes de conflito, onde buscavam acordos enquanto agiam com rigorosidade pelas regras, às quais os estudantes aceitavam acatar no momento da matrícula.

O caráter errante da PSR também era muito evidente na escola, pois haviam períodos onde um ou outro estudantes não iam na escola por semanas, e havia outros períodos quando esses mesmos alunos compareciam assiduamente. Mas a presença dos estudantes na escola nem sempre implicava na presença em sala de aula, também havendo dias quando estudantes cansados ou de mau humor se negavam a ficar em sala. Em outros casos os estudantes estavam na escola para as atividades do Núcleo de Trabalho Educativo, mas a falta de um professor os deixava sem ter o que fazer e os estudantes ficavam vagando pela escola ou dormindo.

Na segunda semana conversei com a supervisora sobre as atividades que eu realizaria além da participação nos afazeres do SAIA. Nós concordamos que eu realizaria três atividades principais: eu acompanharia as entrevistas de matrícula realizadas pela supervisora e depois de três entrevistas eu guiaria uma dessas entrevistas. Eu acompanharia um estudante, de modo a desenvolver vínculo e ser co-referência para o estudante. E eu organizaria e realizaria uma oficina para os estudantes, com o foco de trabalhar a saúde emocional e a maneira como os estudantes pensam seus relacionamentos.

Durante o resto do primeiro mês, progredi no planejamento e desenvolvimento das atividades acordadas, concomitantemente à participação das atividades gerais, realização das tarefas do SAIA, e da observação das atividades e leitura dos relatos de acompanhamento sobre os estudantes. Estas e outras atividades realizadas durante o estágio serão descritas ao

longo deste capítulo, sendo separadas em 4 tópicos gerais: atividades gerais, atividades de educação em saúde, atividades de promoção da saúde, e outras atividades. As atividades gerais referem-se às atividades cotidianas do SAIA, as quais foram a maior parte da experiência de estágio. Faço uma distinção entre atividades de educação em saúde e promoção da saúde, porque apesar de a educação em saúde também ser um meio de promoção, as atividades educativas contam com um modo de fazer mais bem definido e foram realizadas em espaço de sala de aula, enquanto as atividades chamadas de promoção foram realizadas em outros espaços, sendo de caráter mais diverso, logo a distinção entre os tipos de atividades auxilia na organização e compreensão do que foi feito. Por último, entre as “outras atividades” estão incluídas, principalmente, as ocasiões onde testemunhei visitas de grupos de fora da escola e as reuniões da equipe da escola.

6.1. Atividades Gerais

O cotidiano no SAIA varia entre muito calmo e muito caótico, costumeiramente sendo o último. Por exemplo, no primeiro dia de estágio não consegui conversar com a supervisora, pois ela chegou quando uma aluna estava passando por crises e precisou acompanhá-la em uma ambulância!

O SAIA tem um papel fundamental na EPA, lidando com crises como a supracitada, também mediando conflitos e supervisionando os estudantes no pátio. O serviço serve de referência para os estudantes, sendo um local de escuta e apoio. Após a integração nas atividades ali realizadas, comecei a participar de várias atividades do serviço, entre elas: guardar documentos e informações dos estudantes, ajudar os estudantes a tomar suas medicações nos momentos certos, controlar a entrada e saída de estudantes pelo portão, ajudar os alunos a entrar em contato com a família ou amigos, mediar conflitos, facilitar o acesso a serviços de assistência social e de saúde, realizar entrevistas de matrícula, e acompanhar os estudantes durante as mudanças e eventos de suas vidas. As quatro últimas destas atividades serão descritas em subtópicos, para elaborar melhor a discussão sobre elas.

No setor ficam guardados registros sobre todos os estudantes que passaram pela EPA, inclusive há cópias de documentos e eventos envolvendo os estudantes. Estes registros foram essenciais durante o primeiro mês de estágio, pois me permitiram conhecer a população com quem estava trabalhando, suas histórias de vida e projetos. Devido à facilidade de perda de bens vivida na situação de rua, era comum que os estudantes pedissem para deixar as cópias originais de seus documentos nas pastas do SAIA, além de outros documentos como registros

de saúde, currículos e até fotos com valor emocional. Muitas vezes os alunos foram ao setor para pedir cópias de seus documentos porque tinham sido perdidos, roubados ou até mesmo sofreram desgaste, e então eu imprimia cópias dos documentos guardados para eles. Esta prática do setor ajudava a garantir o acesso dos estudantes aos serviços e ao cumprimento de sua cidadania, pois lhes dava a garantia de ter seus documentos importantes seguros, sem os quais poderiam ficar impedidos de acessar certos lugares ou até mesmo de conseguir um emprego.

Muitos estudantes da escola fazem uso de medicamentos, então o SAIA os ajuda a se organizar quanto aos horários de tomar os mesmos e entender o motivo de tomá-los, também guardando os remédios para os alunos quando estes não tem condições de guardá-los. Com algumas exceções, os alunos precisam solicitar os medicamentos ou perguntar quando devem tomar antes de receberem ajuda, de modo a desenvolver sua autonomia de autocuidado e criar rotinas para o uso dos remédios, de acordo com as receitas. Em alguns casos tomamos a iniciativa para lembrar um aluno ou outro sobre seus remédios, mas gradualmente incentivamos o estudante a pedir e lembrar por conta própria. Essa iniciativa do SAIA facilitava que os estudantes se adequassem aos tratamentos, também dando oportunidades para lembrá-los da importância de aderir ao tratamento e dos riscos de suas condições.

Em alguns casos, os alunos pediam para fazer ligações para suas famílias, amigos ou algum funcionário de serviços sociais. Quando isso acontecia, primeiro verificamos o motivo da ligação, para aferir a importância da mesma e avaliar se seria apropriado realizá-la na EPA. Caso o motivo fosse pertinente, primeiro ligamos para o número e confirmamos com quem estava falando, após confirmado que era a pessoa para a qual se queria ligar, então passamos o telefone para o estudante. Permitir o acesso ao telefone aos alunos para essas ligações contribui para terem acesso à tecnologia, algo muito importante especialmente para a PSR, que costuma não ter como usar essas tecnologias, sendo assim excluídos da era digital. Ao mesmo tempo, a verificação e validação do motivo e destino das ligações ajuda a evitar a deturpação do propósito da escola ou a utilização dos aparelhos da escola para motivos contestáveis.

Uma tarefa diária do SAIA é o controle de quem está na escola. Durante as entradas, saídas e intervalos supervisionamos os alunos que entravam na escola e os que saíam, de modo a saber quem estava presente ao final dos períodos e o que estava acontecendo. Isso era feito para poder identificar a presença de alunos na escola fora do turno previsto para tal estudante, saber quais atividades estavam fazendo, acompanhar estudantes sofrendo com problemas ou que causaram problemas, etc. Através desse controle podíamos acompanhar

melhor a situação na escola, além de saber quem estava ou não indo à escola, e até comparar com as listas de chamada das aulas para saber se havia algum comportamento irregular.

6.1.1. Mediação de Conflitos

Devido à proximidade da equipe do SAIA com os estudantes, ela é comumente chamada para enfrentar os comportamentos problemáticos de estudantes e outros conflitos, como discussões entre os mesmos ou negação para seguir as regras da escola. O modo de lidar com estas questões foi discutido dentro do setor. Considerando a autoridade que o SAIA representa, mas também a importância da participação integral de toda a equipe da escola frente aos problemas, ao invés de automaticamente repassá-los ao SAIA, foram acordadas algumas regras para a intervenção: não sobrepor a autoridade dos professores e colegas de trabalho; esperar a convocação dos professores antes de intervir em sala de aula; não reagir fisicamente; ter somente uma pessoa por vez coordenando a situação; e convocar a direção em casos em que a equipe do SAIA não consiga resolver. Com estas regras definiu-se uma ordem para a intervenção, respeitando a autoridade dos outros, mas também deixando claro que, quando não estivesse sendo possível resolver a questão com a própria autoridade, poderia-se chamar alguém cuja voz tem mais peso para os estudantes. Assim, com exceções, os professores poderiam convocar o SAIA, e o SAIA poderia chamar o diretor ou diretora.

Durante o estágio houveram múltiplos conflitos nos quais o SAIA precisou intervir, com variações quanto à seriedade dos ocorridos. Categorizando pela dificuldade de resolução, os eventos menos severos costumavam ser brigas ou discussões entre alunos, as discussões de alunos com professores ou trabalhadores eram intermediários, enquanto casos de abuso ou desrespeito aos professores e colegas eram os mais severos, demandando mais tempo e discussão para resolver. Também ocorreram outros tipos de casos severos, como o sumiço de equipamentos da escola, mas estes eram tratados em assembleias com os alunos, pois era mais importante construir um ambiente onde estes casos não se repetissem do que encontrar ou punir os responsáveis.

Eu observei que os casos de conflito entre estudantes costumavam ser resolvidos de forma rápida em comparação a outros casos, bastando a separação, alguma conversa, e ocasionalmente era necessário demandar ao ofensor que se retirasse da escola pelo dia. No dia seguinte o estudante podia ser convocado para conversar sobre o ocorrido caso necessário. Como exemplo, lembro de um ocorrido desse tipo: certa vez um aluno achou que outro estava fazendo piadas sobre ele, então o aluno pegou uma cadeira e tentou acertar o outro, sendo

impedido pelos colegas. Logo um professor do SAIA entrevistou e o chamou para conversar. Após ser ouvido, chegou-se a um consenso que aquela reação não estava de acordo com as regras da escola, o aluno foi repreendido, o professor conversou com o outro e explicou a situação ao primeiro, assim resolvendo o conflito. Eu não participei diretamente dessa resolução, mas contribuí ficando em vigília no pátio para desincentivar mais brigas.

Os casos intermediários precisavam de mais conversa para resolver, e comumente levavam o estudante a sair da sala de aula. Houveram dois casos com o mesmo estudante, os quais exemplificam como transcorriam estes casos. Primeiro, durante uma aula o professor abriu o mapa mundi para complementar suas explicações, e isto irritou um aluno, que saiu da sala e foi ao SAIA para reclamar, então eu o questionei sobre o motivo do incômodo, apesar da dificuldade de entender ao que ele se referia. Após esta conversa, outro professor do SAIA convenceu ele a retornar à sala, pedindo ao professor para fechar o mapa após terminado o uso. No outro caso, o mesmo aluno não quis participar da oficina de cinema, porque a professora estava falando sobre Hitler, e novamente ele foi ao SAIA, onde conversei com ele sobre o porquê de ele não querer estudar a matéria, e a importância de aprender sobre as tragédias do passado para evitar que se repitam. Desse modo, a maioria desses conflitos eram resolvidos pela conversa, mas ocasionalmente o aluno precisava ser liberado da escola mais cedo, por não estar em condições de participar das atividades educativas.

Houve um caso severo de assédio durante o estágio, onde um aluno ficou enfatuado com uma funcionária da escola, entregando-lhe bilhetes de amor, perseguindo-a fora da escola, e demonstrando desrespeito aos pedidos para que ele parasse com tais avanços. Ele já havia se comportado assim com outras funcionárias antes, mas múltiplas conversas diretamente com o diretor da EPA não bastaram para que ele corrigisse seu comportamento, então ele foi afastado da escola por tempo indeterminado, podendo voltar somente após estar em acompanhamento com a psicóloga que ia na escola semanalmente para atender os alunos. Antes do afastamento e da definição do requerimento para o retorno, foram realizadas reuniões e estudos de caso para discutir como proceder, algumas das quais não pude participar por serem realizadas fora do meu horário de estágio.

6.1.2. Facilitação de Acesso a Serviços Assistenciais

Uma das iniciativas mais interessantes do SAIA é a ajuda prestada aos estudantes para o acesso a serviços assistenciais e políticas públicas. Em geral, os serviços assistenciais são muito importantes para os alunos da EPA, principalmente para aqueles em situação de rua.

Iniciativas como a hospedagem social são especialmente importantes para a PSR, assim como o recebimento de bolsas de assistência social, porque possibilita aos cidadãos alguma estabilidade em suas vidas, por vezes completando o necessário para alugarem uma moradia para estadia contínua.

O obstáculo mais comum para o acesso a esses benefícios é a falta de acesso à informação e à tecnologia. Esse é o aspecto onde o SAIA mais os ajuda, instruindo sobre como acessar os auxílios, ajudando a fazer ligações quando necessário, e entrando em contato com as instituições quando há algum problema.

Outra iniciativa do SAIA nesse sentido são os pedidos aos serviços de saúde para comparecerem na escola e fazer atendimento aos alunos. Presenciei isto duas vezes durante o estágio, uma quando entraram em contato com o Consultório na Rua para ir na escola fazer exames gerais nos alunos interessados, outra quando convocaram profissionais de saúde para fazer exames de vista em alguns estudantes, para que então conseguissem óculos de forma gratuita.

Apesar de ter principalmente observado estas iniciativas durante o estágio, em algumas situações pude ajudar os alunos a entrar em contato com os serviços de assistência social, ou busquei informações para instruí-los sobre o que fazer. A observação destes eventos deixa clara a importância da integralidade intersetorial, pois a ajuda do SAIA habilita os estudantes a acessarem diferentes auxílios, assim dando uma referência para os usuários de políticas públicas.

6.1.3. Entrevistas de Matrícula

Antes do ingresso dos estudantes na EPA, é realizada uma entrevista de matrícula com eles. No começo do estágio foi acordado que eu iria presenciar aproximadamente 3 matrículas realizadas pela supervisora, e então conduziria a entrevista seguinte sob supervisão. Infelizmente, o estágio chegou ao fim antes de ser cumprido este acordo. Ao total foram presenciadas duas entrevistas, mas houveram matrículas que não pude acompanhar porque ocorreram junto a outras atividades do estágio ou fora do meu horário de estágio.

Durante as entrevistas, os profissionais do SAIA visam conhecer o novo estudante, a sua história de vida, seus conhecimentos, e seus projetos de vida. Primeiro garantem ao entrevistado que sua fala será mantida sob sigilo e será ouvida sem julgamento, algo importante para que o novo aluno se sinta confortável. Com este acordo estabelecido, perguntam sobre os dados gerais, onde cresceu, se tem alguma comorbidade, se faz uso de

medicamentos, onde estudou e até quando estudou. Depois o entrevistado deve fazer um relato da sua história de vida, enquanto o entrevistador anota o que ouve, podendo fazer perguntas para aprofundar o relato. Nessa etapa o objetivo é conhecer por onde o novo aluno passou, quais vínculos ele tem, a situação em relação à família, os traumas que carrega. Se o aluno está em situação de rua, também é importante investigar o motivo de ter ido para a rua, além de inquirir sobre o uso de substâncias psicoativas, devido à drogadição e o alcoolismo serem hábitos comuns na rua. E por último, mas não menos importante, o aluno tem a oportunidade de contar quais os seus projetos de vida, o motivo para ir à escola, ou colocado de outra forma, qual o amanhã com que sonha. Este projeto de vida então toma um papel central na educação e nas conversas do aluno, podendo ser pensado e construído ao longo dos estudos, sem precisar estar bem definido quando o aluno entra na escola.

Através da entrevista se conhece o aluno e é estabelecido um vínculo inicial. Concomitantemente, a partir dos dados coletados na entrevista o aluno é designado uma totalidade de ensino e passa a ser acompanhado. As informações colhidas na matrícula também são importantes para eventuais estudos de caso e para aferir quais as necessidades do aluno.

6.1.4. Acompanhamento da Vida dos Estudantes

Como está no nome do serviço, uma das atividades realizadas pelo SAIA é o acompanhamento dos estudantes, tentando estar cientes do que acontece em suas vidas. Isto é possível através dos relatos, pedidos de ajuda e interações com eles. Quando ocorrem acontecimentos incomuns a um estudante, a equipe do SAIA preenche uma ficha de acompanhamento relatando o acontecido. Desse modo é possível ter acompanhamento longitudinal do aluno, além de apoiá-lo durante seus momentos mais trágicos.

Devido ao acompanhamento feito pelo SAIA, a EPA também serve de referência para os serviços de assistência social, que ocasionalmente entram em contato com a escola para saber sobre um estudante, para dar avisos ou até mesmo pedir ajuda. Um caso exemplar desse acompanhamento foi quando um albergue pediu para a supervisora de estágio ir ao albergue, pois estavam com dificuldades em acalmar o aluno que lá residia. No evento, o albergue estava com um surto de tuberculose e o estudante estava se negando a colaborar com os esforços de contenção, então a supervisora foi ao local e conversou com ele, chegando a um acordo de que ele voltaria à escola quando tivessem a situação sob controle.

No cotidiano do SAIA, muitas vezes atendemos pessoas e serviços procurando um estudante ou registramos recados para os estudantes. Também era importante que a informação fosse compartilhada com o resto da equipe do SAIA quando um aluno relatava algo significativo sobre ele ou sobre outro, de modo a manter todos atualizados sobre a situação. Através destas tarefas cotidianas do SAIA pudemos fortalecer o vínculo com a comunidade escolar e outros serviços.

6.2. Atividades de Educação em Saúde

Durante o último mês de estágio, eu coordenei dois conjuntos de atividades de educação em saúde. Cada conjunto teve 4 encontros, sendo um por semana, com conclusão na última semana de estágio.

O primeiro foi uma oficina de dinâmicas em grupo para discutir a questão “como desenvolver relacionamentos saudáveis?” Seguindo a combinação feita com a supervisora de estágio na segunda semana do estágio, tive autonomia para planejar e preparar os encontros da oficina, e decidi realizar as atividades com os estudantes da tarde que estivessem na escola durante a manhã, devido ao horário do estágio.

O segundo conjunto foram aulas sobre questões de saúde realizadas para todos os alunos da manhã, cuja iniciativa surgiu quando a coordenadora de turno fez o convite. Estas aulas aconteceram durante o horário dos projetos temáticos de cada semana, ocorrendo uma vez por semana para discutir assuntos relevantes aos estudantes. A primeira aula foi de planejamento individual, enquanto as três seguintes foram realizadas em conjunto com diferentes pares de professores a cada aula.

6.2.1. Oficina sobre Relações Saudáveis

Nas primeiras semanas de estágio, dediquei considerável tempo à leitura dos arquivos do SAIA sobre diversos estudantes, e logo notei que muitas de suas histórias de vida estavam marcadas por relacionamentos que fizeram mal a eles ou que tiveram fins trágicos, fossem eles românticos, familiares, amigos ou profissionais. Então, sob a perspectiva de que os indivíduos podem influenciar suas relações e aprender a preservar a si e aos outros, desenvolvi a ideia de realizar uma oficina para discutir a maneira como os relacionamentos eram concebidos, inquirindo o que seriam relacionamentos saudáveis e como os comportamentos individuais influenciavam seus relacionamentos. Com isso eu pretendi

desenvolver a reflexão crítica dos alunos sobre suas relações e incentivá-los a construir relações onde eles e os outros possam estar saudáveis.

O assunto escolhido era de cunho subjetivo, logo optei por uma metodologia que valorizasse as experiências individuais, os grupos dinâmicos. A proposta de abordagem foi fundamentada na discussão e orientações de Maria Afonso (2006, p.85-155). A autora discute o comportamento dos grupos durante a dinâmica, com especial destaque da importância da subjetividade dos indivíduos, como o coordenador do grupo deve se portar, qual o propósito de um grupo, e a combinação de fatores objetivos e subjetivos. Em seguida são feitas orientações sobre como planejar uma oficina de grupo dinâmico, a partir das quais descrevi cada encontro da oficina em detalhes, contando com objetivos, uma introdução à discussão, um momento de desenvolvimento composto por atividade interativa e discussão de resultados, e um fechamento para pensar o que foi discutido. Todas as oficinas foram realizadas ao longo do mês de outubro de 2022, e o planejamento de cada um dos 4 encontros se encontra nos apêndices de 1 a 4 deste relato de experiência.

A primeira oficina teve como tópico a questão “Como construir laços saudáveis?” e contou com a participação de 4 alunos. Após breve discussão dessa questão inicial, iniciamos a atividade interativa, onde cada pessoa lançava um dado e depois respondia uma pergunta de acordo com o valor que tirou no dado. Estas perguntas questionavam o modo de agir, os sentimentos, e as ações que os participantes fizeram no passado, variando entre a menção de algo agradável ou desagradável dependendo se o valor do dado fosse par ou ímpar. Os participantes embarcaram na proposta e compartilharam muito de suas experiências e histórias, mas enfrentei dificuldade em coordenar a discussão e limitar o tempo das respostas. Ao final do encontro os participantes disseram que estavam satisfeitos com a oficina, por poderem desabafar e pensar.

A segunda oficina contou com o tópico “Como superar sentimentos difíceis?” e contou com dois alunos. Após uma breve discussão do tópico, onde foram apontadas as opções de evitar os sentimentos ou buscar ajuda, começamos a atividade prática. Usamos um conjunto de cartas GROK para trabalhar a distinção entre sentimentos e necessidades, utilizando um conjunto de cartas que selecionei com antecedência para o encontro. A proposta era que cada pessoa tivesse uma carta de sentimento e 10 de necessidade, então uma a uma, cada pessoa iria falar uma situação em que sentiu o sentimento da carta e as outras iriam usar suas cartas para sugerir quais eram as necessidades do expositor durante o evento relatado. Subestimei o tempo que levaria para explicar as regras e realizar a atividade, e apesar dos

participantes não terem demonstrado muito interesse, eles interagiram e houve uma breve discussão.

Aprendendo com o encontro anterior, no terceiro encontro a proposta era discutir o texto “O Repolho e a Rosa” (Anexo I), de Luciene Tognetta (apud Conviva SP, 2020), para trabalhar a maneira como certos ambientes e situações podem fazer as pessoas se fecharem ao mundo ou se abrirem a ele. A atividade contou com dois alunos. Focamos no desenho e na conversa, evitando a demora que ocorreu no encontro anterior. Os alunos defenderam o ponto de que seria melhor se fechar ao mundo para se proteger, pois ninguém realmente se importa com ninguém. Perante estas afirmações discutimos o que seria um ambiente ideal, e em que ambientes os participantes gostariam de estar. Um dos participantes planejava ter uma família, então questionei ele sobre como gostaria que sua família se sentisse. Em geral, a discussão não foi no caminho esperado devido à minha dificuldade em fazer a turma se engajar com o tema proposto, um resultado de eu não ter ponderado previamente sobre como o passado dos participantes influencia as suas posições na discussão. Porém, eu considero que a atividade apresentou avanço em relação ao encontro anterior, visto que houve discussão. Para o encontro seguinte, os alunos sugeriram que seria bom ter algo para copiar e fixar na memória.

No quarto e último encontro, onde estavam presentes 3 alunos, a meta foi discutir a violência e como ela acontece de diferentes formas. Eu comecei a discussão escrevendo o conceito de violência da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002; apud Dahlberg e Krug, 2006) no quadro branco. Então convidei os alunos a copiar o conceito e apontar o que lhes chamava atenção. Não houve muito engajamento, nem com a atividade de desenho, nem com a discussão, mas após algum tempo um aluno iniciou a discussão sobre como as pessoas da escola não se importavam com os alunos em situação de rua e não acreditavam que iam mudar de situação. A discussão foi aceita e conversei com ele, apontando como a proposta geral da oficina tomava como base a ideia de que eles sairiam de tal situação, e que então precisariam estar emocionalmente equipados para poder manter novos relacionamentos e o novo modo de vida.

Em retrospectiva, avalio que o projeto de oficinas encontrou muitos desafios, mas foi uma experiência valiosa, que pode ter tido efeitos positivos ou nulos para os estudantes quando considerado o objetivo original, mas acredito que teve impacto positivo no vínculo dos alunos com a escola, principalmente devido ao último encontro.

6.2.2. Aulas sobre Questões de Saúde

Após o convite da coordenadora do turno da manhã para falar de saúde nos projetos temáticos de Outubro de 2022, realizei uma pesquisa na biblioteca da EPA para levantar assuntos pertinentes à PSR. Primeiro li o livro *Histórias de Mim* – publicado pelo Jornal Boca de Rua em 2007 –, para compreender melhor as experiências da PSR, e então busquei livros que falassem das comorbidades que os afligiam. Após esta minha pesquisa inicial, decidi propor dois assuntos para que os alunos escolhessem, o Sistema Único de Saúde ou a Tuberculose. Sobre o SUS busquei informações de políticas pertinentes à PSR, enquanto estudei a tuberculose a partir do portal “Saúde de A a Z” do Ministério da Saúde – que viria a ser a fonte principal para todas as aulas.

No evento da aula os alunos escolheram ouvir sobre a Tuberculose. Na sala haviam alunos e alguns professores. A aula foi majoritariamente expositiva, apresentando o que é a doença, como é transmitida, como pode ser prevenida, qual o tratamento e a relação com o HIV. Os professores ajudaram a manter o engajamento, e ao longo da aula houveram múltiplas participações dos alunos, principalmente daqueles que já tiveram tuberculose ou que têm HIV, que contribuíram com as suas experiências. Ao final fizemos um levantamento de tópicos que interessavam aos alunos para a aula seguinte. O levantamento gerou a seguinte lista de tópicos: HIV; saúde bucal; diabetes; dores nos ligamentos, ossos e músculos; eutanásia; saúde mental (com ênfase na depressão e medicamentos); pressão alta e baixa; e desmaios. Em seguida fizemos uma votação, onde cada aluno tinha dois votos para distribuir. Após os alunos votarem, convidei os professores presentes a votar também, mas com a condição de que cada voto de professor só valesse meio ponto, visando valorizar o voto dos alunos. Ao final, os tópicos mais votados foram: HIV; diabetes; e saúde mental. Logo estes foram os tópicos das aulas seguintes.

Durante as aulas seguintes houve um padrão, primeiro os professores apresentaram o material preparado por eles, e perto do final eu era convidado a contribuir. Não houve um claro planejamento conjunto, com exceção da aula sobre saúde mental que ocorreu por último, para a qual combinamos com antecedência qual seria o andamento da aula.

Observei que a formação dos professores transpareceu significativamente durante as aulas. Um dos professores que falou sobre HIV era estagiário de geografia, então ele falou sobre a distribuição geográfica da doença, os países mais afetados, e a relação com o índice de desenvolvimento social. Na segunda aula, um dos professores que falou sobre a diabetes era o professor de educação física da escola, logo ele trouxe informações sobre as atividades físicas

e as debilidades causadas pela doença. Nestas ocasiões, pude observar em primeira mão como a formação profissional pode afetar a maneira como os assuntos são abordados.

Com minhas contribuições durante as aulas busquei complementar o conteúdo trabalhado pelos professores, enquanto também levantava questões pertinentes ao público. Na primeira aula, as contribuições principais foram lembrar a relação do HIV e da Tuberculose, reforçar a importância da proteção sexual, e compartilhar o conhecimento que o HIV não impede as mulheres de terem filhos saudáveis, mediante a realização do tratamento apropriado. Ao falar sobre diabetes, reforcei a importância do acompanhamento médico, além dos exercícios físicos com moderação invés de exercícios extremos. Na discussão sobre saúde mental, contribuí falando da depressão e o que os medicamentos para tratamento de saúde mental fazem biologicamente.

Durante todas as aulas as experiências dos alunos vieram à tona, e aqueles com experiências relacionadas participaram mais do que os outros, trazendo suas vivências e validando ou questionando o conteúdo trazido. Enquanto todas as aulas contaram com participações significativas, a mais impactante foram os questionamentos de um aluno que morava em residencial terapêutico, durante a última aula. Este aluno trouxe o preconceito que sofreu consigo, colocando em questão o estigma socialmente colocado sobre as pessoas que sofrem com condições mentais graves, que dificultam a participação na sociedade, e que logo são seguidas pelo estigma de invalidez social colocado sobre seus portadores. Isto iniciou uma potente discussão sobre diversidade e inclusão social, à qual os colegas se juntaram para apoiar e consolar o aluno em sofrimento.

6.3. Atividades de Promoção da Saúde

Qualquer iniciativa que afete a qualidade de vida ou bem-estar dos indivíduos positivamente, direta ou indiretamente, pode ser considerada uma atividade de promoção de saúde, o que faz com que este seja um campo de ação amplo. Nesta concepção, a maioria das atividades realizadas no estágio e na EPA poderiam ser consideradas como atividades de promoção da saúde. Apesar desta compreensão, para fins de facilitar a compreensão, aqui optei a distinguir as atividades entre aquelas que tem a promoção da saúde como foco principal e aquelas nas quais ela é um projeto colateral.

Neste tópico serão descritos dois esforços que tiveram a promoção de saúde como objetivo maior. O primeiro foi o acompanhamento de um aluno na tentativa de fortalecer o vínculo entre ele e a escola, uma atividade que foi acordada com a supervisora na segunda

semana de estágio. O outro foi o auxílio dado aos alunos na busca a serviços de saúde durante seus momentos de fragilidade, algo que foi essencial para o estabelecimento da escola como referência, também facilitando o acesso à saúde para pessoas que são frequentemente ignoradas pelo sistema.

6.3.1. Acompanhamento de um Aluno Específico

Ao pensar os alunos que poderiam se beneficiar de ter um acompanhamento mais próximo, as sugestões da supervisora foram um aluno que apresentava dificuldade de aprendizado e tinha diagnóstico quanto à sua condição mental, ou uma aluna de idade mais avançada que sofrera muito em sua vida e apresentava drásticas mudanças de comportamento ao interagir com diferentes pessoas, sendo que ambos alunos tinham apresentado alguma afinidade para comigo até o momento. Sugeri que eu acompanhasse um aluno que ainda não tinha vínculo muito forte com a escola, que já havia exibido ideação suicida e que era visto sozinho muitas vezes. A supervisora apoiou a ideia, e assim o aluno alvo foi definido.

A proposta deste esforço era que eu pudesse me estabelecer como co-referência para o estudante e fortalecer seu vínculo com a escola. Compreendendo que o período de estágio era relativamente curto, entendemos que eu não poderia objetivar ser a referência principal do estudante, então o foco maior era estabelecer uma boa comunicação com ele e fazer com que se sentisse mais à vontade em buscar ajuda no SAIA, potencialmente estabelecendo uma ancoragem para ele. Durante este subcapítulo o estudante será endereçado como Antúrio, codinome escolhido para facilitar a escrita.

Como descrito acima, no momento da definição de Antúrio como alvo, eu sabia que ele demonstrava ideação suicida na fala, além de ter observado que ele não tinha forte vínculo com a escola. Além disso, eu tinha sido informado que, dentro da escola, ele era mais próximo de algumas professoras específicas, às quais direcionava algum carinho e afeto. Eu obtive algum conhecimento sobre a sua história de vida através dos registros do SAIA, somados aos relatos das colegas de equipe. Por último, observei que muitas vezes ele ia à escola no turno inverso às suas aulas, mesmo sem ter atividades de NTE.

Durante o primeiro mês de estágio, conversei com Antúrio pelo menos uma vez por semana, para demonstrar disponibilidade e interesse. Foi um progresso lento, mas através destas conversas pude descobrir que ele tinha uma forte crença religiosa, estava afastado do lugar onde morava antes e que escrevia cartas para a esposa grávida.

Após o feriado estendido do dia 20 de Setembro, Antúrio repentinamente deixou de ir à escola por quase duas semanas, aparecendo novamente na escola aproximadamente 10 dias após o feriado. Antúrio estava muito agitado quando voltou à escola, possivelmente afetado por alguma substância psicoativa, mostrava-se impaciente.

Iniciei a conversa com Antúrio. Após alguma insistência para que ele falasse o que lhe incomodava, ele disse que se eu realmente queria ajudar, poderia dar os R\$10,00 que ele precisava. Argumentei que, apesar de não poder dar o dinheiro, caso ele contasse o que havia acontecido, o SAIA poderia buscar uma forma de ajudá-lo dentro do permitido. Continuei acompanhando o aluno ao redor da escola e, com mais alguma insistência, ele falou que tinha recebido notícia que a sua esposa estava hospitalizada para realizar o parto. Neste ponto a situação já havia sido notada pela escola e ele pedia para falar com as professoras com as quais tinha mais afinidade. Uma delas falou com ele e o acalmou um pouco, e então a situação foi conduzida por ela por alguns momentos, até que o resto da equipe do SAIA e o Diretor foram ajudar, com a adição de duas terapeutas que estavam na escola mediante uma parceria. Após alguma conversa, houve um momento de pausa onde Antúrio queria sair da escola, então fui conversar com ele, mas ele falou que a única forma na qual poderia o ajudar era saindo de perto dele e deixando-o quieto. Aceitando o pedido dele, deixei a situação nas mãos do resto da equipe da escola, para evitar agravar a situação.

Dois dias depois, Antúrio voltou à escola e pediu desculpas por ter sido rude, ao que eu respondi dizendo que foi bom que ele tivesse se comunicado. Após isso, o vínculo com Antúrio havia sido formado, ele aparentava estar mais confortável com a escola. Em uma ocasião, ele me pediu um par de meias, então lhe levei um par no dia seguinte. Ele também participou das duas últimas oficinas sobre saúde emocional, aproveitando o espaço para questionar sobre a valorização dos estudantes e a necessidade de auto-preservação, como descrito no subcapítulo equivalente deste relato.

Após o término do estágio, Antúrio até me cumprimentou alegremente quando nos cruzamos na rua. Assim, entendo que estabeleci um vínculo com ele através da conversa aberta e da valorização de suas palavras. Consequentemente fortalecemos sua relação com a escola, que lhe oferece um ponto de referência e estruturação da vida, promovendo melhorias na sua qualidade de vida e bem-estar.

6.3.2. Auxílio aos Alunos na Busca de Saúde

É comum que a equipe do SAIA acompanhe os alunos aos serviços de saúde quando necessário. Isto é algo que presenciei logo no primeiro dia, quando a supervisora acompanhou uma aluna na ambulância, e também presenciei em múltiplos outros dias ao longo do estágio. Houveram duas ocasiões onde pessoalmente acompanhei um estudante.

Na primeira, uma estudante em situação de rua chegou na escola em péssimo estado devido à drogadição, estava fugindo do companheiro abusivo, e não tinha comido por quatro dias enquanto se drogava constantemente. Ela não aparecia na escola havia algumas semanas, mas logo foi acolhida e alimentada. Após algum tempo para a recuperação da estudante, a supervisora do estágio levou ela até o CAPS AD IV de Porto Alegre, pois a estudante queria ficar em internação. Eu pude acompanhar este evento, indo junto com elas para o CAPS e participando da entrevista pré-internação, mediante a permissão da estudante.

Depois, próximo do fim do estágio, um estudante diabético foi ao SAIA para pedir que deixassem-no ir embora, pois estava se sentindo tonto e mal. Após conversar com ele, concordamos que não seria seguro para o estudante ir embora a pé sozinho, pois poderia desmaiar na rua. Então eu acompanhei o estudante até a Unidade de Saúde Santa Marta, onde ele foi atendido por uma enfermeira para averiguar sua situação de saúde. Visto que a sua glicose estava boa e ele se sentia melhor, voltamos à escola e o aluno participou do restante das aulas da manhã.

Entendo que este tipo de iniciativa da equipe da escola é importante na promoção do acesso aos serviços de saúde para os estudantes. Populações em vulnerabilidade frequentemente enfrentam dificuldades para acessar os serviços, principalmente a PSR, que não tem acesso a meios de locomoção e enfrentam estigma ao comparecerem nos postos de atendimento. Nos casos citados, apesar do CAPS AD IV ser muito receptivo à PSR, ele fica longe do centro da cidade, dificultando o acesso. No segundo caso, a enfermeira disse que ele nem deveria ser atendido ali, mas eu contestei a afirmação com o artigo 19 da lei 13.714 de 24 de Agosto de 2018, no qual consta que a atenção integral à saúde para indivíduos em vulnerabilidade social se dá independente da apresentação de documentos que comprovem residência ou cadastro no SUS. (Brasil, 2018)

6.4. Outras Atividades

Completando as experiências do estágio, houveram algumas atividades com menor destaque entre todas, mas que ainda merecem menções breves.

Após conhecer bem os arquivos do SAIA, tomei a iniciativa de organizá-los um pouco durante os dias mais quietos, mais especificamente, separei os arquivos dos alunos já formados na escola, e então os guardei nas pastas designadas. Adicionalmente, também usei um caderno para listar os alunos afetados por diferentes condições, mas esta listagem foi feita apenas para os alunos que estavam matriculados na escola durante o estágio, e o caderno ficou na EPA para consulta futura. Pela listagem consegui ver em primeira mão que a dependência de substâncias psicoativas não é incomum nas histórias dos alunos que chegam à EPA.

Em diferentes ocasiões, presenciei algumas iniciativas de grupos de fora da EPA na escola. Presenciei dois projetos de extensão da UFRGS, um foi do Projeto MudaMundo, que fez oficinas sobre como cuidar de algumas plantas e explicou as propriedades destas, e o outro foi do projeto Passa e Repassa, onde fizeram um pequeno teatro para os alunos, falando sobre a disponibilidade de vagas de residência social e a postura da Prefeitura de Porto Alegre. Também estive presente quando um grupo externo fez uma apresentação de poesia Slam, na qual os alunos puderam participar. Além destas, outras atividades ocorreram durante o estágio, como aulas de redução de danos, mas não pude participar devido ao horário.

Por último, durante o estágio participei de algumas reuniões de professores e assembleias com os alunos, onde foram discutidos abertamente diversos problemas e questões pertinentes ao bom funcionamento da EPA, buscando soluções e acordos através da escuta dos múltiplos pontos de vista. Infelizmente, enquanto estagiário não consegui participar de todos estes espaços de discussão e decisão, logo não consigo relatar por completo as mudanças provocadas pelo amalgamamento de perspectivas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pensamos sobre a promoção da saúde e o acesso à educação para a população em situação de rua, precisamos pensar sobre o futuro. O futuro é um tempo complexo dentro da vida, pois carrega consigo muitas incertezas e possibilidades, configurando-se como o espaço das maiores promessas e dos maiores riscos. Também precisamos pensar o futuro como um espaço de lutas sociais, onde grupos e pessoas lutam não somente pelos seus sonhos, mas principalmente pela sua sobrevivência, por cada amanhã. Para a PSR – assim como para muitas populações vulneráveis – o amanhã não é uma certeza, é um “talvez”, é uma luta cotidiana para evitar a fome, o frio, a violência, a morte.

Propor a educação como um processo transformador e de construção da cidadania, como propõe Paulo Freire (2002), significa entender a educação como um processo que mostrará seus resultados no futuro, seja este um futuro imediato ou a longo prazo. Durante o Estágio na Escola Porto Alegre, observei que a escolarização é entendida como um meio para que as pessoas em situação de rua possam mudar de vida no futuro, algo reforçado com os projetos de vida descritos nas entrevistas de matrícula. Como apontado por Almeida (2012), a educação é vista como um caminho para a superação da situação de rua, pois facilita a reinserção no mercado de trabalho e ajuda na superação dos estigmas pelos quais sofrem. Ao mesmo tempo, completar a escolarização também configura-se como um sonho em si próprio frente às privações de direitos e oportunidades sofridas ao longo da vida.

Entretanto, ninguém vive no futuro, só se vive no presente de cada dia. Menciono esta obviedade porque observei a inviabilidade de esforços para mudar de futuro por parte das pessoas em situação de rua quando estas não têm garantias de sobrevivência no presente. Múltiplos autores descrevem o cotidiano da PSR (Monteiro, 2011. Kunz; Heckert; Carvalho, 2014. Cordeiro e Neto, 2021.), sendo notável a presença de características comuns apesar das diferenças de local e tempo. Em Belo Horizonte, como nos apresenta Monteiro (2011), o cotidiano era repleto de “escolhas entre opções escassas e miserabilidade” (p. 90), misturadas em dias sem suas rotinas organizadas nos horários de manhã, tarde, noite e madrugada, ao invés sendo improvisados dentro das escassas oportunidades para suprir as necessidades da sobrevivência, que incluem ter comida, trabalho, dinheiro, locais seguros para descansar, vínculos afetivos, pequenos confortos, etc. Kunz, Heckert e Carvalho (2014) descrevem situações semelhantes na cidade de Vitória em Espírito Santo, ressaltando a provisoriabilidade dos recursos oferecidos na rua:

De modo a sobreviver na cidade, os moradores de rua criam táticas e usam de astúcias para driblar proibições e limites, ressignificando objetos, lugares e usos, bem como produzindo desenhos variados no tecido urbano. [...] Para os moradores de rua, deslocar-se faz parte dos modos de viver e sobreviver. Seus trajetos não seguem rotas definidas por critérios geográficos para chegar a lugares específicos, mas se orientam considerando as redes de suporte já conhecidas ou as que podem vir a ser promissoras e, sobretudo, evitando os lugares em que ações repressivas podem estar acontecendo ou que aconteceram recentemente (Kunz; Heckert; Carvalho, 2014, p. 924).

Marcada pela provisoriedade, a situação de rua impede o acúmulo de recursos para além do hoje, pois “não juntar muitos objetos é uma tática para a mobilidade nas ruas” (Kunz; Heckert; Carvalho, P. 935), o que significa que os recursos para sobreviver amanhã dificilmente são garantidos com antecedência. Isto também é visível na experiência de Cordeiro e Neto (2021), quando reiteram que “pensar sob a perspectiva do morador de rua, é fazer contato, em parte, com o cotidiano de faltas. [...] A busca pela sobrevivência é um fato cotidiano e as pautas não se mostraram organizadas” (p. 78). A escassez experienciada na rua é complexa em sua multifatorialidade, assim como a história de cada indivíduo, impedindo a generalização das características da população de rua, portanto “tanto as demandas que eles apresentam quanto as intervenções aplicadas para os mesmos [pelos serviços de assistência] são (e devem ser) heterogêneas” (Cordeiro e Neto, 2021, p.79).

Ante este cenário de “presentes frágeis”, discutir o acesso à educação ou à saúde deixa de ser uma problemática individualizada à estes setores, uma vez que estar na escola e “manter saúde” só são oportunidades acessíveis com constância caso os indivíduos tenham garantias de subsistência que lhes permitam alocar seu tempo para estas atividades, ao invés de irem buscar outras oportunidades viabilizadoras da sobreviver no cotidiano, visto que ir na escola ou buscar cuidados paliativos podem não se refletir em recursos adicionais a curto prazo. A pesquisa de Almeida (2012) aponta variadas problemáticas que dificultam o retorno da população em situação de rua aos espaços de aprendizagem escolar, entre elas o preconceito sofrido pela situação social e características pessoais (cor de pele, orientação sexual, gênero, etc.), a falta de recursos materiais para usar na escola (cadernos, canetas, roupas, etc.), a falta de rede de apoio e incentivo para o retorno à educação, a perda de documentos civis, a dependência química, e a concepção rígida de educação que é oferecida nas escolas.

O panorama pintado até aqui pode indicar que a escola é um cenário inóspito para a população em situação de rua, porém, este não precisa ser o caso. Como demonstra a experiência da Escola Porto Alegre aqui relatada, a escola tem potencial para ser um nexo de organização na vida das pessoas em situação de rua, uma ancoragem, um convite à

permanência na sociedade, norteadas de forma diferente às observações de Monteiro (2011) sobre as políticas públicas voltadas à PSR, que “tece[m] o convite da circulação, pois de uma forma perversa as políticas preservam o direito de ir e vir, mas não o de ficar” (p. 97). A fragmentação dos esforços de assistência à população em situação de rua é um fato descrito por vários autores já mencionados, sendo também comum o apontamento de que o acolhimento qualificado de demandas e a integralização das redes assistenciais são potentes ferramentas para a promoção do acesso, saúde e bem-estar destas pessoas. (Monteiro, 2011. Almeida, 2012. Kunz; Heckert; Carvalho, 2014. Broide, E.; Broide, J., 2019a. Broide, J., 2019b. Cordeiro e Neto, 2021.)

O acolhimento, como exemplificado na EPA, não consiste somente na escuta às demandas dos estudantes, também envolve os esforços para atender a tais demandas. Não se trata apenas do uso capacitado de tecnologias leves no modo de tratar os indivíduos, apesar deste ser essencial. Acolher também envolve o uso de recursos materiais e a flexibilização das regras institucionais, para que os serviços sejam espaços convidativos ao seu público alvo, o qual não deve precisar negligenciar suas individualidades e andar em uma corda-bamba de regras para ser aceito. Ou seja, acolher não deve ser somente um ato feito pelos profissionais dos serviços, acolher deve ser uma prerrogativa institucional para que as pessoas em situação de rua permaneçam nos espaços construídos. Isto significa que, na prática, não basta que a escola seja um lugar onde o estudante só entra, estuda e sai quando terminar. O funcionamento da Escola Porto Alegre, como relatado aqui, apresenta exemplos positivos de acolhimento humano e de acolhimento institucional, os quais podem ser referenciados para pensar as ações de estabelecimentos de educação, ou outros serviços cuja função social necessita da adesão a longo prazo por parte da PSR.

As dimensões humana e institucional não são completamente dissociadas uma da outra, porém podemos interpretar que a dimensão humana do acolhimento se trata mais da ação pontual e diária do modo de interagir e perceber o usuário, enquanto a dimensão institucional se volta mais para as regras, costumes e ofertas do espaço, elementos imaginados como constantes mesmo que a equipe e os usuários venham a mudar.

Ao fazer parte do SAIA, identifiquei no acolhimento humano um mecanismo inicial de vinculação com a escola, sendo através da troca humana, sentimental, que construímos a confiança, provamos a valorização do outro, e mostramos o desejo de que o outro viva, assim estabelecendo as ancoragens (Broide, J., 2019b). O caráter situacional e espontâneo da interação interpessoal dificulta fornecer exemplos concretos e generalizáveis, porém, para

poder estabelecer este vínculo, proponho que sejam tomados como referência alguns dos costumes relatados:

→ No momento de conhecer o indivíduo, representado pelas entrevistas (capítulo 6.1.3), o objetivo é conhecer o indivíduo, assim como estabelecer a relação de confiança e respeito mútuo. Para isso, deve-se evitar julgar ou moralizar o que se ouve enquanto o indivíduo conta sua história, além de garantir o sigilo, pois assim se demonstra que a experiência do sujeito é respeitada.

→ A confiança é então fortalecida através da resposta às crises – sejam estas intrapessoais ou interpessoais –, representada na mediação de conflitos (capítulo 6.1.1) e outros eventos descritos, quando devem haver consistentes prerrogativas comportamentais por parte dos funcionários, praticando a escuta e o respeito, humildade quando cometerem enganos, além de não sobrepor a autoridade dos colegas e não praticar o abuso da autoridade. A constância fomenta a confiança, pois permite que as pessoas saibam o que esperar da equipe, a qual virá a ser referência para eventuais crises e conflitos. Mas caso um engano ocorra, a humildade também será importante ao assumir o erro, reiterando as boas intenções do profissional.

→ A flexibilidade nas atividades educativas é outro elemento importante da escuta aos alunos, pois permite o protagonismo crítico dos estudantes no seu processo educativo, afinal, tal como defende Paulo Freire, “pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, [...] mas também [...] [de] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos” (2002, p. 15). No relato do estágio há alguns exemplos deste aceite à discussão onde os alunos fazem uso da sua experiência para mover a discussão, por exemplo durante as atividades de Educação em Saúde (capítulo 6.2).

→ Como último ponto sobre este tópico, observo como a participação ativa dos estudantes nas assembleias coletivas da escola representa o objetivo da dimensão humana (capítulo 6.4), demonstrando a aceitação e valorização dos usuários na discussão dos problemas e na reformulação das práticas da escola. Deste modo, a dimensão humana do acolhimento é a responsável por vocalizar que a pessoa em situação de rua é vista, é onde a pessoa se torna aceita e incluída no espaço, configurando-se um eixo essencial das atividades de um serviço para a população em situação de rua.

A possibilidade de permanência – o “direito de ficar” – é o objetivo do acolhimento na dimensão institucional, pois, como discutido anteriormente, a população em situação de rua é uma população nômade, que andarilha para poder garantir a sua subsistência

diária,. Logo, acolher pressupõe entender que estas pessoas têm demandas diárias a serem supridas para que possam frequentar a escola a longo termo. Para alcançar os objetivos institucionais precisarão ser aceitas outras demandas, muitas das quais surgirão espontaneamente ao longo dos dias. Conseqüentemente, devo repetir que a escola não pode ser um espaço onde os estudantes só entram, sentam, estudam e são lançados de volta à vida porta afora, tem que haver mais suporte sendo oferecido para justificar o tempo investido.

Como o funcionamento institucional toma forma moderadamente padronizada, compreendendo um escopo de ofertas e regras que guiam seu cotidiano, posso destacar experiências positivas da EPA para serem adaptadas ou reproduzidas em outros serviços que desejam a adesão da população em situação de rua a longo prazo:

→ A EPA oferece lanches e almoço para seus estudantes, fazendo que não precisem escolher entre ir à escola ou buscar comida, o que facilita a adesão ao ensino. Porém, é estabelecido um acordo onde o alimento é oferecido mediante a adesão dos estudantes às atividades escolares, para evitar que o objetivo de ir à escola deixe de incluir a escolarização. A alimentação é um meio de possibilitar a frequência da escola, mas a EPA acolhe outras demandas da PSR para o enfrentamento das vulnerabilidades.

→ A possibilidade de tomar banho, lavar roupas e ocasionalmente fazer a barba na escola ajuda no enfrentamento do preconceito à PSR, pois, como dizem Kunz, Heckert e Carvalho (2014), “o contrário do que se pensa, o povo da rua se preocupa com cuidados pessoais, principalmente com o banho diário. [...] Tanto homens como mulheres buscam pontos na cidade que possam ofertar higienização” (p. 937). A escola também oferece toalhas e produtos de higiene pessoal (quando disponíveis).

→ Considerando as frequentes perdas de pertences sofridas pela PSR em sua condição vagante, junto ao fato de que a escola precisa guardar os arquivos de matrícula dos alunos, o SAIA aproveita o espaço para guardar documentos solicitados pelos estudantes, como cópias de carteiras de identidades, carteiras de vacinação, fotos especiais, entre outros documentos importantes para a população de rua. Além disso, ajudam na recuperação de alguns documentos necessários para a matrícula, como o histórico escolar, através do contato com secretarias da educação ou antigas escolas frequentadas pelos alunos. Esta ajuda faz a EPA ser uma referência para os estudantes quando precisam de documentos, pois até ex-alunos podem ir à escola para recuperar documentos ou memórias guardadas nas numerosas pastas do SAIA.

→ Ainda no tópico de pertences, a EPA oferece os materiais escolares necessários para que os alunos possam estudar. Para prevenir perdas, cada turma tem um armário em sua sala para guardar os materiais após as aulas.

→ Outra oferta valiosa para a PSR são as atividades do Núcleo de Trabalho Educativo (NTE). Não somente dão a oportunidade dos estudantes passarem mais tempo na escola – o que significa menos tempo expostos às inúmeras vulnerabilidades experienciadas na rua –, algumas das atividades também são oportunidades de gerar renda, como a cerâmica e a oficina de papel. Os professores destas atividades também acompanham os estudantes quando vão a feiras para vender suas obras, outro elemento do NTE que promove a participação da PSR na sociedade.

→ Tratando-se da participação na sociedade, o SAIA busca ter conhecimento da rede de apoio disponível à população em situação de rua e ficar informado sobre eventos na vida dos estudantes. Para isso mantém o calendário mensal de consultas e tem o mural com contatos de diversos serviços da rede municipal. Apesar de ser uma medida simples, estas anotações acessíveis agilizam a resposta às demandas espontâneas dos estudantes, sendo facilmente reproduzida e expandida em outros serviços, crescendo na medida em que conhecem melhor as redes de suporte locais.

→ Após mencionar as atividades supracitadas, eu devo reiterar que o acolhimento institucional não consiste somente em atividades e ofertas programadas, mas também na resposta às necessidades espontâneas que surgem no cotidiano. Este ponto pode ser onde os lados humano e institucional da escola mais se encontram, pois se refere às respostas àquilo que nem sempre é esperado, por vezes necessitando da flexibilização das regras da escola para acolher os estudantes em seus momentos frágeis, invés de os repelir por não se adequarem às normas. Como a flexibilização é uma avaliação de caso-por-caso, menciono dois exemplos simples: devido ao perigo de dormir de noite nas ruas, muitas vezes os alunos estão cansados nos horários das aulas, e ocasionalmente a equipe da escola os deixa dormir dentro do espaço escolar no horário das aulas, pois forçá-los às salas seria improdutivo. Certa vez, uma estudante chegou na escola após dias sem comer, então foi levada ao refeitório apesar de não estar frequentando as aulas na época, sendo acolhida pela equipe do SAIA primeiro, para que depois pensasse em retomar os estudos ao longo das semanas.

Vemos que a escola tem potencial autônomo para combater muitos dos desafios de acesso à educação levantados por Almeida (2012). Todavia, devemos reconhecer que a escola não conseguirá abarcar todas as necessidades da PSR, tal como o acesso ao cuidado médico

ou a permanência pernoite – e nem deve, porque incorre o risco de forçar a dependência e segregação das pessoas a este espaço. A mesma limitação pode ser vista nos setores de Saúde e Assistência Social, o que leva à fragmentação dos esforços de suporte à população em situação de rua, remetendo ao elemento perverso das políticas públicas que é apontado por Monteiro (2011). Esta limitação significa que nenhum setor sozinho será suficiente para garantir o direito de ficar na cidade ou na sociedade, o que expõe a necessidade de estabelecer redes assistenciais e integralização entre diferentes setores, somada à “compreensão de que saúde e educação como direitos de cidadania não podem ser concebidos de forma fragmentada” (Dantas; Rezende; Pedrosa, 2009, p. 12).

Dentro de uma rede assistencial, cada serviço serve de porta de entrada para os outros serviços da rede, e assim facilita o acesso da população alvo, reduz o desamparo social e permite o acompanhamento longitudinal de suas vidas. A rede de assistência construída com a EPA não tem claros contornos, mas os diferentes serviços reconhecem uns aos outros quando os seus usuários referenciam as ancoragens que têm nos serviços, o que por consequência define estes outros serviços como referências uns dos outros. Podemos então entender que os serviços começam a servir de pontes para os outros serviços, mediando o acesso e comunicação para os usuários. Durante meu estágio na escola, pude observar como a construção de redes foi feita tanto pela confiança dos estudantes quanto pela iniciativa dos profissionais, a exemplo, respectivamente, dos casos onde a supervisora do estágio foi a um albergue para conversar com um estudante que confiava nela (capítulo 6.1.4) e quando uma estudante foi levada ao CAPS AD IV pela equipe do SAIA (capítulo 6.3.2).

Outro eixo do agir intersetorial é a integração, o ato de “integrar-ação” de outros setores ao cotidiano dos serviços, um eixo promotor da saúde dos usuários e da familiaridade entre os profissionais de setores distintos. O próprio estágio aqui relatado é uma experiência de integração intersetorial, quando o graduando em Saúde Coletiva é inserido no serviço para pensar questões de saúde dentro da educação e vice-versa. As propostas de ações integradas podem ser originadas tanto de fora para dentro do serviço, como as atividades propostas pelo Projeto MudaMundo (capítulo 6.4) e a oficina sobre Relações Saudáveis (capítulo 6.2.1), quanto buscadas pelo serviço em contato com o exterior, exemplificadas nas aulas sobre questões de saúde (que trouxeram saberes do setor saúde para um espaço de educação. Capítulo 6.2.2) e os convites para que o Consultório na Rua fosse examinar os alunos (capítulo 6.1.2).

A abertura da Escola Porto Alegre à integração intersetorial e sua função de ponte a outros setores estabelece a escola como uma referência para a PSR, acessível aos estudantes e

ex-estudantes, pois demonstra o investimento da equipe e da instituição na promoção do bem-estar de seus usuários. Através das ações intersetoriais são estabelecidos vínculos entre a população alvo e os serviços, proporcionando oportunidades para novas ações no futuro, principalmente quando os esforços têm resultados positivos, já que o sucesso justifica o investimento de tempo dos estabelecimentos e das pessoas, recompensando seu esforço. Nas atividades relatadas vemos os benefícios da intersectorialidade aos estudantes, porque estas iniciativas dão oportunidade de aproximação deles com outros espaços, os quais muitas vezes lhes são negados devido ao preconceito, além de agregar conhecimentos diversos à sua experiência escolar, promover o empoderamento na luta por seus direitos, e fornecer recursos para os auxiliar na sobrevivência cotidiana e futura.

Quando envolvem a participação de múltiplos profissionais, as atividades intersetoriais apresentam caráter formativo, amplificado pela multiplicidade de experiências e pela interdisciplinaridade, assim servindo como oportunidades de qualificação da atuação profissional, via o aprofundamento da compreensão das demandas da população e do funcionamento de outros setores. Enquanto profissional sanitaria, entendo que a experiência na EPA proporcionou a aproximação com a população, sendo uma oportunidade potente para poder promover a saúde para além dos cuidados clínicos, porém não consegui fazer pleno proveito de tal oportunidade, o que pode ser atribuído parcialmente a falhas pessoais, mas também a desafios atuais da formação do sanitaria e ao modo “improvisado” no qual se deu a inserção do estagiário na escola.

Inicialmente, houve estranheza entre o estagiário e a escola (com a instituição, com sua equipe e usuários), pois nenhum dos lados tinha uma noção clara de como conduzir tal integração, afinal, como coloca Buss (2000), “Não há receitas prontas” ao pensar a integração intersectorial com participação da população. O estágio foi relativamente curto, então esta estranheza teve impacto significativo, e considero que este fenômeno inicial foi um reflexo da dissonância ainda existente entre os setores. Do ponto de vista da formação profissional, Medeiros (2018) argumenta que a formação do sanitaria carece da necessária interação com o público – o diferencial entre a Saúde Coletiva e a Saúde Pública –, afirmando que são necessárias experiências para o familiarizar com o trabalho com os grupos e indivíduos, com suas singularidades e necessidades. Minha inserção como estagiário na EPA certamente contribuiu muito à minha formação, oportunizando a aproximação com o público e a quebra de estigmas, além de aperfeiçoar o uso de tecnologias leves como a escuta, mas considero que mais experiências de inserção no território ao longo do Bacharelado em Saúde Coletiva seriam refletidas em melhores resultados no estágio, para a população e para o graduando.

8. CONCLUSÃO

O principal apontamento da experiência na Escola Porto Alegre é que um serviço voltado à população em situação de rua precisa ser acolhedor e flexível, pois, como apontam múltiplos autores (Monteiro, 2011. Kunz; Heckert; Carvalho, 2014. Broide, E.; Broide, J., 2019a. Broide, J., 2019b. Cordeiro e Neto, 2021.), as pessoas em situação de rua sofrem de inúmeras carências que são supridas ou não no cotidiano, o que pode lhes colocar em conflito com regras que ignoram as necessidades dos sujeitos.

O acolhimento, no sentido trabalhado neste relato, significa aceitar a integralidade dos sujeitos e buscar meios pelos quais eles possam permanecer na escola, o que inclui o investimento na sobrevivência diária da pessoa em situação de rua, e não somente no projeto de seu futuro. Com esta ideia em mente, destaco que o Serviço de Acolhimento, Integração e Acompanhamento foi nomeado de forma muito adequada, contendo três termos norteadores para os esforços voltados ao acesso e permanência da PSR em um projeto, que poderão ser referenciados para a formulação de políticas públicas voltadas à População em Situação de Rua.

Enquanto integrante do SAIA, os esforços que realizei também mostraram alguns resultados positivos, como o fortalecimento do vínculo de Antúrio com a escola, a disseminação de informações em saúde e a facilitação do acesso à serviços de saúde. Esta experiência destaca a relevância e flexibilidade do profissional sanitário, generalista por definição e equipado para trabalhar em ambientes intersetoriais, logo o relato dá base para o planejamento de novas experiências de inserção deste profissional no ambiente escolar, que serão beneficiadas por uma discussão prévia sobre os objetivos da iniciativa, para diminuir a estranheza inicial e facilitar a integração das práticas interdisciplinares.

Compreendo que este Relato de Experiência não exaure a discussão sobre a integração intersetorial entre Saúde e Educação voltada à população em situação de rua no âmbito escolar, que será beneficiada por futuras investigações, que poderão abordar as condições que levam as pessoas em situação de rua à evasão escolar, o impacto do sofrimento psíquico no vínculo com a escola, a integração de atividades de redução de danos ao ensino, entre múltiplos outros temas, visto que a produção de conhecimento sobre esta população é relativamente fragmentada, tal como os serviços destinados à elas.

Finalizando, reitero que as políticas públicas voltadas à PSR deverão pensar caminhos para possibilitar o bem-estar dos usuários no presente e no futuro concomitantemente. É sobre o presente que o futuro será construído, e caso estas pessoas não tenham garantias de

sobrevivência diária, elas não poderão se organizar para participar da luta pelos seus direitos. Enquanto as pessoas em situação de rua continuarem invisibilizadas, dar-lhes força, oportunidades, espaço e voz serão papéis das políticas públicas que os acolhem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Maria Lúcia Miranda. **Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde**. São Paulo, SP: 1ª Ed., Casa do Psicólogo, 2006, Cap. 3-4, p. 85-155.

ALMEIDA, Sara Ferreira de. População em situação de rua e o retorno à educação escolar: entre dificuldades e possibilidades.. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 4., 2012, São Paulo. **Proceedings online...** Associação Brasileira de Educadores Sociais, Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092012002000030&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 27 Jul. 2023.

BRASIL, **Decreto Nº 7.053 de 23 de Dezembro de 2009**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm>. Acesso em : 20 dez. 2022.

BROIDE, E. E.; BROIDE, J. A pesquisa psicanalítica e a criação de dispositivos clínicos para a construção de políticas públicas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo , v. 53, n. 3, p. 201-215, set. 2019a.

BROIDE, J. **A CLÍNICA PSICANALÍTICA NA CIDADE**. [s.l.] 2019b. Disponível em: <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/arquivos_comunicacao/A%20clinica%20psicanalitica%20na%20cidade.pdf>. Acesso em: 16 Fev. 2023.

BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, p. 163–177, 2000.

CONVIVA SP. **Sugestões de Atividades para Acolhimento Emocional**: retorno opcional das atividades presenciais. SP: 2020. Disponível em: <<https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2020/09/sugesto-de-atividades-para-o-a-colhimento-retorno-opcional-das-atividades-presenciais-1.pdf>>. Acesso em: 14 Out. 2022.

CORDEIRO, D. B.; ANJOS NETO, J. D.. Os modos de vida da população em situação de rua da cidade de São Paulo: um estudo a partir da Tenda Bela Vista. **Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, [S.l.], v. 8, n. 1, set. 2021. ISSN 2446-6972. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/249716>>. Acesso em: 1º Ago. 2023.

DANTAS, V. L. A.; REZENDE, R.; PEDROSA, J. I. S. Integração das Políticas de Saúde e Educação. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Saúde e Educação: uma relação possível e necessária. **TV ESCOLA**. Rio de Janeiro, RJ: 2009, p. 10-22.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, n. suppl, p. 1163–1178, 2006.

DIAS, P. N. Dados sobre a população de rua em Porto Alegre estão muito discrepantes, afirma entidade. Porto Alegre, RS: **Revista Brasil de Fatos**, 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefatos.com.br/2022/02/07/dados-sobre-a-populacao-de-rua-em-porto-alegre-estao-muito-discrepantes-afirma-entidade>>. Acesso em: 20 Dez. 2023.

ENGSTROM, E. M.; TEIXEIRA, M. B. Equipe “Consultório na Rua” de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil: práticas de cuidado e promoção da saúde em um território vulnerável. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 6, p. 1839–1848, Jun. 2016.

FASC/UFRGS. **Cadastro e Mundo da população adulta em situação de rua de Porto Alegre/RS**. Relatório final – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Out. 2016. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/fasc/usu_doc/cadastro_e_mundo_da_populacao_adulta_em_situacao_de_rua_de_porto_alegre_rs_2016.pdf>. Acesso em: 18 Ago. 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, SP: 25. ed., **Paz e Terra**, 2002.

KUNZ, G. S.; HECKERT, A. L.; CARVALHO, S. V. Modos de vida da população em situação de rua: inventando táticas nas ruas de Vitória/ES. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 26, n. 3, p. 919–942, 2014.

MEDEIROS, R. H. A. DE. O ensino de promoção e educação em saúde para sanitaristas. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 22, n. 65, p. 609–620, abr. 2018.

MEHRY, E. E.; FRANCO, T. B. Trabalho em Saúde. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ: 2ª ed. 2009. Disponível em: <<http://www.sites.epsvj.fiocruz.br/dicionario/verbetes/trasau.html>>. Acesso em: 23 Mar. 2023

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde da População em Situação de Rua: Um direito humano**. 1ª ed. Distrito Federal: Brasília, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde de A a Z**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z>>. Acesso em: Out. 2022.

MONTEIRO, J. A. T. **A terceira margem : uma análise do cotidiano da população em situação de rua**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 118. 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/48522>>. Acesso em: 22 Jul. 2023.

MUSSI, R. F. da F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60–77, 1 set. 2021.

NATALINO, M. **Nota Técnica Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil (2012-2022)**. Distrito Federal: Brasília, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11604/1/NT_Estimativa_da_Populacao_Publicacao_Preliminar.pdf> Acesso em: 26 jan. 2023.

OMS. **Conferência Internacional Sobre Promoção Da Saúde**. Carta de Ottawa. Canadá: Ottawa, 1986. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf>. Acesso em: 14 Fev. 2023.

OMS. **Declaração de Alma Ata sobre Cuidados Primários**. URSS: Alma-Ata, 1978. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_alma_ata.pdf>. Acesso em: 14 Fev. 2023.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. **Educação de Jovens e Adultos**. Disponível em: <<https://caxias.rs.gov.br/servicos/educacao/educacao-de-jovens-e-adultos>>. Acesso em: 19 dez. 2022.

RANGEL, M. Educação e saúde: uma relação humana, política e didática. **Educação**, [S. l.], v. 32, n. 1, 2009.

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE PORTO ALEGRE. **EMEF Porto Alegre – História**. 2010. Disponível em: <<https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/historia.html>>. Acesso em: 25 Fev. 2023.

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE PORTO ALEGRE. **EMEF Porto Alegre – Pedagógico – Núcleo de Trabalho Educativo**. 2010. Disponível em: <<https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/nte.html>>. Acesso em: 25 Fev. 2023.

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE PORTO ALEGRE. **EMEF Porto Alegre – Pedagógico – SAIA**. 2010. Disponível em: <<https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/saia.html>> Acesso em: 25 Fev. 2023.

SILVA, C. B. da, et al. Atividades de educação em saúde junto ao ensino infantil: relato de experiência. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 11, n. 12, p. 5455, 17 dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/22772>>. Acesso em: 26 Mar 2023.

SILVA, C. J. D. Territórios Existenciais de Migrantes Venezuelanos na Paraíba: Um relato de experiência. Trabalho de Conclusão de Curso. **Universidade Federal da Paraíba**, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21795>>. Acesso em: 26 Mar. 2023.

SILVA, M. I.; PELAZZA, B. B.; SOUZA, J. H. EDUCAÇÃO E SAÚDE: **DiversaPrática**, v. 3, n. 1, p. 17–40, 15 jul. 2019. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/diversapratICA/article/view/49615>> . Acesso em: 25 Mar. 2023.

SILVA, P. A. C.-.; SILVA, M. A. I.; GONÇALVES, M. F. C. A interface da promoção de saúde e a educação sexual em uma escola de educação básica: relato de experiência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 8, n. 4, p. 1038–1045, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/6664>>. Acesso em: 25 mar. 2023.

APÊNDICE I – Plano da Primeira Aula da Oficina sobre Saúde Emocional

- Tópico: Como construir laços saudáveis?
- Objetivos: Apresentar o projeto; conhecer os participantes e seus vínculos; incentivar questionamentos sobre suas relações interpessoais.
- Abertura: Apresentar o tópico e objetivo do encontro. Convidar os participantes a se apresentarem e responderem a questão “Onde você se sente confortável?”
- Discussão: Atividade para reconhecer comportamentos e sentimentos “bons” e “ruins”:

Material: 1 dado de 6 lados (d6), 1 cartolina ou algumas folhas A4, lápis, caneta ou canetinha.

Em um período de 3 a 5 rodadas, cada participante vai lançar o d6, e de acordo com o número que cair, vão dizer:

1. Um modo ruim (que não gosto) de ser tratado.
2. Um modo bom (que gosto) de ser tratado.
3. Algo que faço ou fiz para outro que não quero para mim.
4. Algo que faço ou fiz para outro que quero para mim.
5. Sentimentos indesejáveis.
6. Sentimentos desejáveis.

Em seguida, discutir os resultados com o grupo, reforçando como as ações afetam como agem conosco e como reagimos aos outros. Questionar “como podemos responder às ações ruins?”, “como podemos retribuir ações boas?” e “como lidamos com nossos sentimentos?”

- Extra: Caso tenha tempo, podem-se fazer encenações improvisadas para trabalhar reações a situações. [discutir a ideia de “deterrent”]
- Fechamento: Concluir as linhas de pensamentos, dar espaço para expressarem como se sentiram e o que acharam da atividade. Conversar sobre o próximo encontro: falar de algum tipo de relação, de violências ou comportamentos tóxicos; perguntar se tem algo sobre o que querem falar; esclarecer combinações (se necessário).

APÊNDICE II – Plano da Segunda Aula da Oficina sobre Saúde Emocional

- Tópico: Como superar sentimentos difíceis.
- Objetivos: Reconhecer a relação entre sentimentos e necessidades; incentivar a reflexão sobre o modo como lidam com os eventos em suas vidas.
- Abertura: Apresentar o tema e explicar o porquê da escolha, então falar os objetivos do encontro. Perguntar se alguém quer se apresentar dessa vez. Perguntar ao grupo “o que é um sentimento difícil?”
- Discussão: Atividade para pensar as necessidades por trás dos “sentimentos difíceis” e as formas como agem em frente a esses sentimentos.

Material: Cartas GROK (11 sentimentos, 75 necessidades)

Preparação prévia: separar cartas dos “sentimentos difíceis”.

Duração esperada: 30 minutos.

Cada participante vai puxar uma carta de sentimento e reservá-la, então as cartas de necessidade serão distribuídas (de 5 a 10 cartas).

Então, para cada participante, um de cada vez, devem descrever/imaginar uma situação que provoca o sentimento da carta que tem e dizer como iria reagir. Então cada outro participante vai selecionar cartas de necessidade que tem e acha que está expressa na situação relatada. O expositor vai selecionar quais entre elas realmente são necessidades expressas na situação e na reação, então irá escrevê-las no seu papel.

Então se embaralha as cartas de necessidades, e em seguida se repete o processo para cada participante.

Ao final, se pede para cada participante ler as necessidades que anotou. e para cada um se faz a pergunta (e ao grupo) “Como poderíamos lidar melhor com esse sentimento?”

- Fechamento: Discutir os resultados, pensar em como a 1ª reação pode não ser a melhor reação. Conversar qual seria um bom primeiro instinto. “O modo como o outro me trata nem sempre é sobre mim”

Perguntar para o grupo como se sentem, e então o que acharam do encontro. Então concluir como julgar adequado.

APÊNDICE III – Plano da Terceira Aula da Oficina sobre Saúde Emocional

- Tópico: Repolho ou Rosa.
- Objetivos: Desenvolver a expressão verbal, a reflexão e a capacidade de argumentação lógica. Reconhecer o efeito dos ambientes nas pessoas.
- Abertura: Apresentar os objetivos do encontro. Distribuir os materiais para a atividade. Material: Uma cópia do texto “O repolho e a rosa” (Anexo I), duas folhas de ofício A4, um lápis e uma borracha para cada participante.
- Discussão: Depois de distribuir os materiais, perguntar aos participantes se sabem como nasce um repolho e como ele cresce. Então explicar que o repolho nasce aberto e vai se fechando quanto mais cresce, semelhante a como algumas situações da vida fazem as pessoas se fecharem. Após a explicação, pedir que cada pessoa desenhe como um repolho cresce, e no verso da folha relate uma situação que o fez se fechar ao mundo.

Em seguida, perguntar se alguém sabe como cresce uma rosa, explicando como a rosa nasce fechada e vai se abrindo ao florescer. Pontuar como na vida há situações que permitem às pessoas que se abram como rosas. Pedir que cada participante desenhe como nasce e cresce uma rosa, e que no verso da folha relatem uma situação ou ambiente que os permitiu se abrir.

Depois disso, ler o texto “O Repolho e a Rosa”. Ao final da leitura, perguntar para cada participante se gostaria de ser uma rosa ou um repolho.

- Fechamento: Discutir o texto, reforçando o pensamento de como diferentes situações e ambientes permitem que as pessoas se abram ou as forcem a se fecharem, e que cada pessoa, inclusive os presentes nesta oficina, contribuí para que as pessoas sejam rosas ou repolhos.

APÊNDICE IV – Plano da Última Aula da Oficina sobre Saúde Emocional

- Tópico: Violência.
- Objetivos: Possibilitar a identificação da violência sofrida e realizada por si.
- Abertura: Explicar os objetivos do encontro e mencionar que será o último encontro.

Escrever no quadro o conceito de violência da OMS:

“O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulta ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiências de desenvolvimento ou privação!

- Discussão: Pedir para que copiem. Após terem copiado, perguntar o que chamou atenção nesse conceito, e então começar a destrinchar de acordo com os tipos e naturezas de violência:

- Tipos: Auto-inflingida (suicídio, auto-abuso); Interpessoal (violência da família e do parceiro íntimo, comunitária); Coletiva (social, política, econômica).

- Naturezas: Física; Sexual; Psicológica; Envolvendo privação ou negligência.

- Atividade: Convidar os estudantes a fazer um desenho ou montagem sobre alguma violência que não seja física.

- Conclusão: falar a “moral” da história e de porquê falar disso. Pedir a opinião dos alunos sobre a aula, e então ir colar ou pendurar os desenhos. [OBS. Não quiseram guardar os desenhos.

Agradecer a participação de todos e se despedir.

ANEXO I - Dinâmica do Repolho e da Rosa

Quantas vezes “estou” como um “repolho”. Minha condição perfeitamente humana me faz nascer aberto para a vida, para me descobrir e descobrir os outros. Mas essa mesma condição humana muitas vezes me faz não permitir errar, dizer o que sinto, o que penso, o que me angustia, o que me deixa ansioso, o que me enraivece... e desse mesmo jeito, não conseguir ajudar quem se angustia, quem sente raiva... E isso tudo faz me fechar como um repolho, que embrula as folhas cada vez mais em busca de defesa.

Quando me sinto repolho, me fecho, não permitindo que as pessoas se aproximem de mim. Sinto-me repolho quando eu não estou aberta às mudanças, quando tenho medo do novo, medo do outro, medo de mim mesmo e por isso, não estou aberta a ajudar os outros... Então, engulo minhas raivas, minhas frustrações, meus medos e fecho-me no meu EU-repolho.

Porém, a vida nos ensina que podemos ser como uma rosa. Meu desabrochar é vagaroso e terno quanto o desabrochar de suas pétalas porque vou me conhecendo a cada dia. Sinto que posso me abrir e dizer às pessoas o que me deixa triste e alegre, o que me angustia, o que me dá raiva, o que me deixa feliz!

Sinto-me rosa quando sou capaz de, com delicado perfume, colocar a minha raiva para fora de mim, sem ferir os outros com espinhos, mas também não permitindo que os seus espinhos me machuquem. Assim, como rosa, posso me “comover” com o outro que ainda não conseguiu ser rosa, quando sou capaz de entendê-lo, e ajudá-lo a resolver seus problemas, acolhendo, estando do seu lado.

Sinto-me rosa porque me abro para novas descobertas e mantenho o meu estado de disposição para buscar o que é melhor para mim e para o outro e, assim, encontrar diferentes formas de ser rosa... E você o que deseja ser? Repolho ou rosa?

Luciene Regina Paulino Tognetta